O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII — SABBADO 28 DE SETEMBRO DE 1889 — NUMERO 3:831

O INFANTE D. AUGUSTO

Está de luto a Casa de Bragança. Está de luto o povo portuguez, que é a grande familia dos reis de Portugal.

O sr. Infante D. Augusto, depois de um longo e cruciante soffrimento, finou-se ante-hontem pelas quatro horas e vinte e dois minutos da madrugada.

Uma lesão cardiaca, que ha muito tempo punha em risco os dias do principe, teve ante-hontem o seu desenlace fatal.

A sciencia empregou todos os meios para lhe prolongar a vida, e prolongou-lh'a o mais que poude. A molestia, porém, era mortal, e o principe teve de pagar o seu tributo á natureza.

A sua longa doença, o seu prolongado soffrimento, foram-lhe, porém, adoçados pelos carinhosos desvelos de sua augusta e extremosa familia e pelos cuidados de muitos e muito dedicados amigos.

E o seu passamento é chorado não só por aquelles a quem pelos laços de sangue tão caro era, como tambem por todos os portuguezes, que o estimavam e respeitavam como exemplo vivo da mais completa bondade.

A epoca tranquilla em que viveu não lhe deu ensejo para se distinguir em acções grandiosas ou feitos de heroismo. O patriotismo, porém, estava-lhe arreigado no coração e serviu sempre de norma a todos os actos da sua vida. Se com a espada não teve occasião de prestar assignalados serviços á patria, prestou-lh'os e muito grandes, dedicando toda a sua actividade ao engrandecimento do exercito e á prosperidade da agricultura.

Como inspector geral da arma de cavallaria, trabalhoso cargo a que votou toda a sua energia, dedicou-se a aturados e productores estudos, e deixa o seu nome ligado a importantissimos melhoramentos. E como agricultor, são os seus relevantes serviços attestados pela importantissima propriedade da Amora, elevada á altura de uma quinta modelo, que muito tem concorrido para a introducção e desenvolvimento, no sul do paiz, dos modernos aperfeiçoamentos agricolas. Alli se iam elles todos experimentando praticamente, á maneira que a sciencia e arte os produziam. D'alli partiu, em grande parte, o incentivo para a conservação e apuramento das raças nacionaes do gado agricola.

Por diversas vezes, e em occasiões solemnes e melindrosas, representou Portugal em paizes estrangeiros, desempenhando-se sempre d'essas missões com o mais notavel bom senso e com a maior dignidade e brilhantismo. Brando por temperamento, simples nos seus habitos, o Infante D. Augusto dividia a vida entre o amor da sua augusta familia e o amor do seu paiz. Affavel com todos, grandes e pequenos, que d'elle se approximavam, conquistára as sympathias geraes. Caridoso em extremo, consolação e amparo de quantos a miseria feria, alcançou as bençãos dos infelizes e o respeito de todos que admiravam a sua alma grande e generosa.

O sr. Infante D. Augusto desce ao tumulo sem ter tido um só inimigo, sem mesmo ter sido alvo d'essas desaffeições que o alto nascimento e a elevada posição social inspiram a espiritos menos bem formados. Em vida foi estimado e respeitado por todos; na morte por todos é chorado, sem distincção de classes, sem distincção de partidos. Honra, pois, ao seu nome e á sua tão saudosa memoria!

E' profundo e dolorosissimo o golpe que fere a Familia Real, que tanto o amava, que tanto o estremecia. Mas se ha linitivo para dôres tão vivas, que o immenso amor do povo portuguez, a parte que elle toma na dôr dos seus monarchas, acompanhando-os em transe tão cruel, lhes mitigue a intensidade do golpe que, ferindo-os, feriu tambem a nação inteira.

*

A agonia

Foi ante-hontem, pelas 3 horas da madrugada, em seguida ao curativo dos causticos, que do illustre enfermo, até então relativamente sereno, se apossou uma excitação violenta, impaciencia phrenetica, que para logo despertou inquietação do medico assistente, o sr. Ravara. Progredindo aquella agitação, com intervallos de profundo desfallecimento, o distincto clinico fez transportar o enfermo para cima do leito e travou com a morte, que se aproximara, uma lucta verdadeiramente desesperada para arrancar-lhe aquella victima. Todos os recursos extremos da sciencia medica foram empregados n'aquella hora terrivel. Ao mesmo tempo era prevenido o dr. Sousa Martins. O capellão de lanceiros 2, que se achava no paço—substituindo o capellão da casa real, enfermo desde hontem—ministrou o sacramento da Extrema-Unção ao agonisante. Em redor do leito achavam-se sua magestade a Rainha, que chegara ao paço pelas 2 horas e meia da noite; o sr. infante D. Affonso, que já alli se achava desde a tarde; o sr. presidente de conselho, os ajudantes do infante moribundo, officiaes da casa real e alguns officiaes de cavallaria. Respirações oppressas, soluços reprimidos e o devorar com os olhos aquella physionomia prestes a imubilisar-se... A conhecida e tristissima scena!

*

A morte

A's 4 horas e vinte minutos, produziu-se no moribundo uma convulsão. Foi breve: uns dois minutos, sem grande violencia. Explosiram livremente os soluços. A Rainha e seu filho abraçam-se, chorando. Estava morto o duque de Coimbra, o irmão do Rei, o bondoso coração, que não deixa na sua sombra maldições nem queixumes de offendidos e que nunca praticou em sua vida senão um acto que aggravasse os outros:—sair d'ella, privando centenares de pobres dos seus beneficios ignorados e constantes.

*

Pouco depois de haver expirado o Infante, chegaram os drs. Sousa Martins e Barros da Fonseca. Só tiveram de verificar o desfecho.

Sua Magestade a Rainha fez rezar uma missa de corpo presente, á qual assistiu com seu filho, o sr. presidente do conselho e todas as outras pessoas presentes no acto do passamento. Celebrou a missa o capellão de lanceiros 2. Sua Magestade retirou-se em seguida, com o sr. infante D. Affonso. A' saída encontraram-se com a sr.ª condessa d'Edla, que beijou a mão da sr.ª D. Maria Pia. Esta abraçou-a e beijou-a, chorando ambas silenciosamente.

*

Depois de haverem partido os reaes personagens, chegou o sr. arcebispo de Mytilene. S. ex.ª celebrou outra missa, tambem de corpo presente, á qual assistiram, entre outros, o nuncio e a sr.ª condessa d'Edla.

*

O sr. Infante está deitado no leito, coberto até ao pescoço com as roupas da cama. A physionomia não apresenta alteração—perfeitamente serena. A barba está crescida de alguns dias; é a unica differença indicadora da passagem da enfermidade.

*

Apontamentos biographicos

O sr. Infante D. Augusto Maria Fernando Carlos Miguel Gabriel Raphael Agricola Francisco de Assis Gonzaga Pedro d'Alcantara Loyola de Bragança e Bourbon, duque de Coimbra e de Saxe-Coburgo-Gotha, nasceu no palacio das Necessidades aos 4 de novembro de 1847. Era Condestavel do Reino; general de divisão e inspector geral da arma de cavallaria; par do reino, gran-cruz de todas as ordens portuguezas e de muitas ordens estrangeiras, e tinha a medalha de oiro de bons serviços e a medalha de prata de comportamento exemplar. Assentou praça e foi promovido a alferes de cavallaria em 22 de agosto de 1855. Promovido: a tenente em 15 de abril de 1858; a capitão, em 17 de março de 1862; a major, em 29 de setembro de 1863; a tenente-coronel, em 31 de outubro de 1866; a coronel, em 31 de outubro de 1869; a general de brigada, em 9 de junho de 1870; e a general de divisão, em 16 de agosto de 1883. Desde 10 de dezembro de 1871 até 23 de março de 1872 esteve fazendo serviço militar na India, serviço a que as notas officiaes se referem da fórma seguinte:

«O sr. D. Augusto, irmão de sua magestade el-rei, regressou a Lisboa em 23 de março de 1872, (tendo cumprido o serviço com muito proveito do Estado). porque, ao muito respeito e amor dos povos da India pela augusta pessoa de Sua Alteza, se deve attribuir a solução pacifica da reforma executada. N'este transe, o senhor Infante D. Augusto mostrou em todas as occasiões que se lhe facultaram um verdadeiro ardor civico, sempre conducente a apoiar o principio da Auctoridade Nacional, o que muito fortaleceu as disposições ordenadas pelo governador geral da India, general Joaquim José de Macedo e Couto.» Durante muito tempo commandou a brigada de cavallaria de instrucção e manobra, tornando-se notavel como disciplinador. Ultimamente era inspector geral da arma de cavallaria, a que sempre pertenceu e em que prestou os mais relevantes serviços.

*

Em Cascaes

Se não erram as nossas informações,—e o leitor nem sequer póde imaginar quanto é difficil saber-se o que se passa dentro dos muros da cidadella de Cascaes—assim que S. M. a Rainha chegou alli deu ordens expressas para que El-rei não soubesse immediatamente da morte de seu irmão, afim de que houvesse tempo para convenientemente o prepararem para a triste noticia. Igualmente recommendou que não fossem admittidas a fallar com S. M. pessoas vestidas de lucto. Comtudo, a musica que todas as noites costuma tocar na cidadella não se fez ouvir *ante-hontem, d'onde muitos deprehenderam* que El-rei já sabia do fallecimento de seu irmão. Segundo nos consta a dolorosa noticia só hontem lhe foi dada por S. A. o Principe D. Carlos.

*

O embalsamamento

Depois do cadaver ter sido entregue aos medicos, com as solemnidades do estylo, pelos officiaes ajudantes de sua alteza, começou, pouco depois do meio dia, o embalsamamento, operação feita pelos medicos effectivos da real camara, os srs. drs. Magalhães Coutinho, chefe do serviço medico, Antonio Maria Barbosa, sub-chefe, Arthur Ravara, Herculano de Sá Correia, José Vicente Barros da Fonseca, José Tedeschi, pharmaceutico da casa real, coadjuvados pelo sr. Sousa Martins, que seguiu todo o tratamento por ordem especial de sua magestade a rainha, e pelo preparador da escola-medica, José Joaquim da Rocha. O embalsamamento foi dividido em duas sessões, attendendo ás circumstancias especiaes em que se encontra o cadaver, fazendo-se a operação com um intervallo de quatro horas. Na primeira sessão, que durou mais de duas horas, procedeu-se á lavagem completa do corpo com liquidos desenfectantes fortes, taes como, sublimado corrosivo, acido phenico, etc., dando-se em seguida injecções forçadas dos mesmos liquidos nas cavidades naturaes, estomago bexiga, etc. Esta primeira sessão ácabou perto das 3 horas da tarde. Proximo das 7 horas da noite começou a segunda sessão, que durou seguramente oito horas, não terminada antes das 5 horas da manhã. N'esta operação fez-se a injecção de solução de chloreto de zinco pela carotida primitiva e de solução corada de sulphito de ammonia pelas carotidas externas, sendo a primeira destinada á conservação do tronco e membros e a segunda á conservação da cabeça e faces. As partes não visiveis do corpo serão cobertas com uma camada de collodio tornado aceticO. Acabado o embalsamamento, foi o corpo vestido com o uniforme de gala de general de divisão.

*

A camara ardente

Na sala contigua ao quarto em que falleceu o sr. infante D. Augusto, é que foi armada a camara ardente. Esta sala chamada a de verão, deita para o jardim, e é a que sua alteza occupou durante a doença, antes de ir para Cintra. O cadaver está collocado n'esta sala armada em camara ardente e fica reservada até domingo. N'este dia será o corpo do sr. infante transportado á tarde para a capella do real paço das Necessidades, tendo em seguida logar o cortejo official. Na segunda-feira será então a capella franqueada ao publico, podendo quem quizer ir prestar ao desditoso principe as suas derradeiras homenagens.

*

A capella

Tanto a decoração da camara ardente como a da capella foi entregue ao armador Lopes, dirigido superiormente pelo architecto sr. Parente. A capella das Necessidades será toda coberta de velludo bordado a oiro, elevando-se a eça de tres degraus e em plano inclinado ao centro da capella mór. O altar principal fica reservado para as dignidades da egreja dizerem missa, e os altares lateraes revestidos de espaldares e setiaes de velludo preto bordado a oiro para os sacerdotes sem cathegoria official.

*

O funeral

As ceremonias dos funeraes realisar-se-hão com as seguintes formalidades, que o *Diario do Governo* publicou hontem:

1.°—O cadaver de sua alteza o serenissimo senhor infante D. Augusto, duque de Coimbra, depois de embalsamado, vestido e encerrado em um ataúde, ha-de ser conduzido da camara onde falleceu para capella do paço das Necessidades, sendo alli collocado em uma eça pelos officiaes móres da casa real com a coadjuvação dos reposteiros para isso necessarios. As chaves do ataúde serão entregues ao marquez mordomo-mór, ou a quem suas vezes fizer.

2.°—Emquanto o ataúde se conservar na capella será velado pelos officiaes móres da casa real e officiaes ás ordens de sua alteza, tomando uns e outros logar á direita e á esquerda do mesmo ataúde na fórma do estylo.

3.°—O enterro do serenissimo infante ha-de ter logar no dia 1 do proximo mez, na real egreja de S. Vicente de Fóra, sahindo o acompanhamento do palacio das Necessidades pelas 10 horas da manhã d'esse dia; e devendo, depois da chegada do prestito áquelle templo, celebrar-se alli uma missa resada, em que officiará o eminentissimo cardeal patriarcha com as ceremonias e orações prescriptas pela egreja.

4.°—O prestito será precedido por uma força de cavallaria, indo apóz ella seis porteiros da camara vestidos de capa e volta.

5.°—Seguir-se-hão as carruagens dos presidentes e membros dos tribunaes, as da camara municipal de Lisboa, e bem assim as de todos os individuos que formarem a côrte, guardando-se a ordem e a precedencia que são devidas ás respectivas cathegorias.

6.°—Segundo a mesma procedencia tomarão depois logar as carruagens dos conselheiros de estado e as dos ministros e secretarios de estado.

7.°—Em seguida irão os coches da casa real conduzindo: 1.° O porteiro da real camara e moços da guarda roupa; 2.° Os officiaes móres da casa real; 3.° O official encarregado de acompanhar a corôa real; 4.° As pessoas ecclesiasticas que forem designadas para acompanharem o cadaver do serenissimo infante; 5.° O coche de respeito e após este o coche com o ataúde do principe finado, sendo ambos armados em camarim com pannos e cortinas de velludo preto com galões de oiro.

8.°—Aos lados d'este coche irão seis moços da real camara, com tochas accesas, entre duas alas de moços da estribeira e archeiros da guarda real, caminhando uns e outros a pé e descobertos.

9.°—O duque estribeiro mór e o commandante da guarda real, ambos a cavallo, irão ao lado do mesmo coche, o primeiro, junto á ultima roda, e o segundo atraz do estribeiro-mór, e d'elle separado para o lado da outra roda do coche.

10.°—Depois do ultimo coche irá formada a guarda real dos archeiros, fechando o prestito um corpo de cavallaria. A força de infanteria postada em alas pelas ruas do transito tomará a fórma conveniente atraz do prestito para o acompanhar até ao templo de S. Vicente de Fóra, e dar opportunamente as descargas do estylo.

11.°—O prestito seguirá do palacio das Necessidades á travessa do Sacramento, Pampulha, Janellas Verdes, Aterro da Boa Vista, Corpo Santo, Arsenal, Terreiro do Paço, Ribeira Velha, Terreiro do Trigo, Jardim do Tabaco, Fundição, Paraizo, Campo de Santa Clara e Arco Grande de S. Vicente de Fóra.

12.°—O duque estribeiro mór, encarregado da direcção do acompanhamento, dará as providencias necessarias para serem collocados no logar que competir todos os elementos do prestito, sendo n'este serviço coadjuvado pelos empregados da sua dependencia, pelos soldados da guarda real e pelos da guarda municipal, que para isso forem indispensaveis.

13.°—Assim que o prestito chegar a S. Vicente de Fóra será o caixão tirado do respectivo coche e collocado sobre um pouso pelos dignitarios competentes, d'onde será depois conduzido em um esquife pela irmandade da santa casa da misericordia de Lisboa, desde o adro *até á primeira eça collocada* no meio da egreja, onde a collegiada da mesma santa casa ha-de cantar os responsorios da sua competencias; devendo o caixão ser d'ahi levado pelos dignitarios á segunda eça levantada no centro da quadratura patrialchal.

*

O sr. Infante D. Augusto não deixou testamento.

*

*

A infausta noticia da morte do sr. infante D. Augusto foi aqui muito sentida, porque Sua Alteza gosava entre nós de muitas sympathias, pois duas vezes honrou esta cidade com a sua presença, demorando-se algum tempo. A primeira foi quando em 1886 veio inspeccionar o regimento de cavallaria 10, em cujo serviço gastou alguns dias, e em que revelou bem e claramente a excellencia do seu caracter, a lhaneza e affabilidade do seu trato.

A segunda teve logar no anno immediato, por occasião da solemne entrega da bandeira, offerecida pelas senhoras d'Aveiro, ao brioso regimento, e á qual S. A. quiz assistir, honrando o acto com a sua real assistencia, e tomando parte tambem no baile que a digna officialidade offereceu no *Gremio* á cidade, em que mais uma vez patenteou a sua estima por esta terra, que lhe pagava com demonstrações de sincera gratidão as provas de deferencia que lhe concedia, pois era encantadora a maneira como a todos confundia com o seu modo de tractar.

*

Hontem de manhã, logo que pelos jornaes se soube do lamentavel successo, se divisava em todos os rostos a consternação das fataes novas, e começaram a apparecer as demonstrações do sentimento publico, vendo-se bandeiras a meia haste, crepes a vedar as armas reaes, e os sinos dos paços do concelho a dobrar plangentemente.

Portuguezas celebres.—A padeira de Aljubarrota.—Brites d'Almeida, de quem o leitor tem ouvido fallar tantas vezes, aquella famosa padeira, que matou sete castelhanos com a pá do forno, nasceu em Faro. Era magra, alta, feia, tinha o cabello crespo, os olhos pequeninos, o nariz adunco, a bocca muito rasgada, e seis dedos em cada mão. Pois assim mesmo houve quem a quizesse para esposa e, o que parece incrivel, quem para o conseguir acceitasse um duello proposto por ella, só depois do qual, e sendo vencida, casaria! Não teve o namorado de passar pela vergonha de ficar vencido, porque ficou... morto! Para evitar o castigo do crime tentou Brites de Almeida passar á Hespanha; mas o navio que a transportava foi presa de uma setia de argelinos, e a captiva vendida a um mouro. Com dois escravos portuguezes, que tambem o eram do mouro, combinou ella evadirem-se, e uma noite fizeram tudo em postas, e fugiram. Veio ter á Ericeira, vestiu-se de homem e fingiu-se almocreve; mas, sendo reconhecida, foi presa. Conseguiu, todavia, livrar-se e, em seguida, foi estabelecer padaria em Aljubarrota, onde era conhecida pela alcunha de *Pesqueira*.

Corridos tempos, deu-se entre D. João I de Portugal e D. João tambem I de Castella a memoravel batalha de Aljubarrota, e foi então que a famosa padeira com a pá deu cabo de sete castelhanos, que depois da derrota vieram recolher-se ao seu forno.

Dos ossos d'estes e dos mais castelhanos mortos na batalha, conta-se que se fizera na povoação uma calçada, que fr. Antonio da Purificação, na sua «Chronica dos Eremitas» parte II pag. 244, diz se conservava ainda no seu tempo. A celebre pá guardou-se por muitos annos nos paços do concelho e saia na procissão commemorativa, que a 14 de agosto se fazia. Quando em 1580 Portugal caiu em poder de Castella, quiz Filippe II destruir tudo quanto podesse recordar aos portuguezes os feitos que lhes inspirassem novos brios.

Para esse fim lembrou-se de mandar com habil pretexto transformar em sino a caldeira tomada aos castelhanos por Gonçalo Rodrigues, que por isso se ficára chamando o *Caldeira*. D'isto, porém, o dissuadiu com muita graça um cortezão dizendo: «No señor dexenla estar assi, que si suena tanto siendo caldera, que será si lhegar a ser campana?» Não querendo, pois, Filippe fazer soar a caldeira, queria ao menos ter o gosto de sumir a pá. Consta que a exigiu, mas deram-lhe em resposta que tinha desapparecido, e era verdade. Um certo Moura (que ninguem confundirá com o outro Moura, secretario do monarcha) tivera a precaução de fazer emparedar, antes que fosse exigida, a veneranda reliquia em um muro que se andava fazendo nos paços do concelho.

Hoje é a pá guardada com veneração por uma pobre mulher da villa d'Aljubarrota, que a conserva, muito deteriorada, dentro d'uma bolsa de damasco, mostrando-a a quem por alli passa e a deseja ver.

Exposição de Paris.—Eis alguns periodos de um artigo que o redactor principal do jornal russo *Novoié Vremia*, actualmente em Paris, mandou para aquelle periodico, ácerca da exposição:

«A exposição obrigou todos os povos a considerarem novamente a França como a capital do mundo. Levantou o nivel moral da nação franceza, inspirou a idéa de se organisar em Paris uma feira annual e de fazer d'esta cidade um porto de mar. As centenas de milhões de francos que será preciso depender para attingir esse fim, não assustam este paiz emprehendedor, rico e cheio de talento e de energia. E emquanto a França nos offerece o espectaculo do trabalho triumphante e do desenvolvimento pacifico, vêem-se passar de Norte a Sul e *vice-versa* nuveus tempestuosas, ouvem-se clamores bellicos, erguem-se brindes á guerra e ao exterminio dos que se regosijam de viver em paz. Fazem-se simulacros de batalha, dão-se banquetes militares onde as espadas tilintam e onde se proferem discursos bellicosos cheios de ameaças a quantos ousem perturbar a paz, a todas as potencias de Leste e Oeste que não pensem unica e exclusivamente na paz. Estes benevolos protectores da paz, armados de ponto em branco, são os primeiros a provar que estão promptos a rompel-a e a derramarem ondas de sangue. Assim, os defensores da paz ameaçam a tranquilidade dos que não querem submetter-se á supremacia brutal e egoista do imperio allemão. Elles dizem: «Somos fortes, porque podemos destruir tudo. Ninguem pode resistir aos exercitos reunidos da Allemanha, da Austria e da Italia!» Nós, então, temos est'outra divisa: «Somos fortes, porque nada queremos destruir e empregamos todos os recursos de que dispomos para impedir a destruição e o anniquilamento dos povos!» Eis porque as duas unicas potencias que hoje podem levantar sincera e lealmente um brinde á paz, são a nossa querida patria, a Russia, e esta França, que está provando a sua força com o triumpho pacifico da exposição.

Custo do trigo em Hespanha.—Aos que tanto se arreceiam da importação, por contrabando, de trigo hespanhol, apresentamos-lhes parte de uma carta dirigida a uma folha de Madrid, na qual se dá a conta do custo do trigo n'aquella região. Diz assim:

«Nada posso dizer a v., por hoje, de rendimentos, porque, não obstante alguns pequenos lotes terem dado um rendimento de dez por cada semente, não se sabe ainda o termo medio. O que se sabe, e com certeza, é que cada fanga de trigo que se colhe custa, termo medio, 32 reales e 60 centimos e, como o preço do trigo hoje é de 30 reales cada fanga, resulta que o lavrador tem um prejuizo conhecido de 2 reales a 60 centimos em cada fanga de trigo que colhe. Claro está que não lhe convém continuar com tal officio, e, ainda que haja o amor á arte que tem a generalidade d'estes lavradores, convencer-se-hão do prejuizo que soffrem os seus interesses, e em pouco tempo terão de abandonar a propriedade e aspirar a ser empregados publicos, já nas alfandegas, já em outras repartições do estado onde os rendimentos são mais certos e seguros. A conta é muito clara: Uma geira de terra, de qualidade superior, vale aqui 6:000 reales. Recebe-a um rendeiro e gasta com ella:

	Reales
Renda a 4 por 100	240
Por cinco lavras de arado e successivas operações, a 25 reales cada uma	125
Semente, duas fangas de trigo superior, a 35 reales a fanga	70
Custo da ceifa	44
Custa a debulha, padejar e guardar os seus productos	90
Contribuições	60
Total das despezas	629

RENDIMENTOS

Produz a geira 20 fangas de trigo, o que é produzir muito, que ao preço de 30 reales a fanga são	600
Produz 2 1|2 fangas, ou carros de palha, a 20 reales	50
Producto	650

Resulta que cada fanga de trigo lhe custou 31 reales e 45 centimos e em cada geira terá um lucro de 21 reales, sem contar com as despezas de monda, estercos e levar o trigo ao mercado, ponto de venda, e suppondo que não haja um contratempo, ou caso fortuito, e que não desappareça o total da producção.

OUTRA CONTA

Uma geira de terra regular custa 2:000 reales, e paga o rendeiro, a 4 por cento	80
Por quatro voltas de arado, a 25.	100
Semestre, 1 1|2 fanga de trigo superior a 35 reales	52,50
Ceifa, custa a terra	44
Debulhar, padejar e armazenar	45
Contribuição	16
Total das despezas	337,50

RENDIMENTOS

Produz 10 fangas de trigo a 30	300
Produz um carro de palha	20
Producto	320

Resulta, pois, que em cultivar uma terra mediana perde o lavrador 17 reales e 50 centimos em cada geira, e gastou 33 reales e 75 centimos em cada fanga de trigo que, posto no mercado, lhe vale 30 reales por fanga. Com este resultado, os livre-cambistas e os senhores pilotos da nau do estado poderão calcular o tempo que concedem de vida á agricultura hespanhola, fonte em que bebem todos os empregados de elevada e baixa cathegoria, toda a industria, o commercio e as classes trabalhadora e proletaria. Nada se consegue com o queixar-nos ou indicarmos os meios de remediar o mal. Todos os dias se lêem nos jornaes acertados conselhos; mas não faz caso d'elles quem póde remediar tanto mal. O lavrador, de si pacifico, paga e soffre, confiado na sua boa fé, como succede agora, esperando vento para padejar; mas, ainda que queira, não poderá resistir ao actual estado de coisas por muito tempo.

Juan Leal Duque».

Seis pessoas assassinadas.—Na aldeia de Tarlacz, (Hungria), acaba de ser perpetrado um crime horroroso. Toda uma familia, composta de seis pessoas, foi assassinada durante a noite. O chefe da familia, um rico usurario de nome José Isaac, assim como um seu filho chamado Samuel, cahiram prostrados nos primeiros golpes dos assassinos; os desventurados foram litteralmente retalhados a machado. A mulher de Isaac e seus tres filhos, que se haviam refugiado n'uma alcôva proxima, tiveram a mesma sorte. Os scelerados arrombaram a porta e cahiram, de machado em punho, sobre a mãe e os filhos. Os quatro foram horrivelmente mutilados. Depois, os assassinos apoderaram-se do dinheiro e das joias que encontraram; por ultimo, desceram á adega da casa, onde estiveram bebendo até pela manhã. Foram presos quinze habitantes de Tarlacz.

Uma espantosa desgraça.—A provincia de Kil, no estremo sudoeste do Japão, acaba de ser theatro de um medonho cataclismo. Muitas cidades e aldeias completamente desapparecidas da face do globo; outras quasi totalmente; e mais de vinte mil victimas, constituem o resumo dos estragos causados por uma innundação e pelo desabamento de uma grande montanha, cujos fundamentos as aguas cavaram, fazendo-a resvalar sobre seis grandes povoações, que ficaram sepultadas sob aquella enorme massa de terra e de rochedos.

No dia 18 de agosto, depois de uma grande temporada de grossas e persistentes chuvas, o rio Kinagawo, que tem um percurso de 130 kilometros, engrossou a ponto de se tornar uma colossal torrente que, galgando as montanhas e enchendo os vales, se precipitou sobre a cidade de Yokokoama e seus arredores, destruindo as casas, templos e pontes, e arrasando os campos que encontrava no seu caminho. N'este districto, duzentas casas desappareceram completamente, e mais de cinco mil foram parcialmente destruidas. Trinta mil pessoas ficaram sem abrigo e na mais completa miseria! A torrente, seguindo o seu curso phantastico e assolador, invadiu o districto de Wakanamura, arrasando tudo, cidades, aldeias e campos. Na povoação de Ladaguvaka, que tinha sessenta e tantas casas, apenas duas ficaram de pé. O numero de victimas só n'esta povoação subiu a mais de 50.

Quasi ao mesmo tempo, o rio Kinokouli invadiu a cidade de Wakayama e as aldeias proximas, cobrindo-as completamente. Na cidade a agua chegou a assumir a altura de 6 metros. Em Osaka e seus arrabaldes foi tambem horrivel a inundação, ficando metade das casas arrasadas e milhares de pessoas sem abrigo. Em Hongumura, 180 casas foram levadas pela corrente e mortas 30 pessoas. Em Hedakagori foram arrasadas 120 casas. Aqui a inundação invadiu a povoação tão repentina e inesperadamente, que quasi todos os habitantes estavam dentro das casas e a maior parte lá ficaram sepultados. Cento e vinte pessoas morreram e ha mais de 50 gravemente feridas. As aguas arrastaram tambem e afogaram mais de 500 cavallos, que estavam nas estrebarias. Em Higashipo e Murogori, foram milhares de casas destruidas e os mortos contam-se ás centenas. Estão sem abrigo e na miseria mais de 5:000 pessoas. Mais de 1:200 casas que formavam diversas villas e aldeias nas margens do Tomstagawa, desappareceram, morrendo metade dos habitantes. Em Jeniow, 500 casas, isto é uma quarta parte da cidade, desappareceu. O resto ficou tudo arruinado. Calcula-se o numero das victimas em mais de mil.

Shikaka, Hikagwaga, Tomstagawg e outras cidades e aldeias, ficaram quasi completamente soterradas pelas montanhas que as aguas fizeram despenhar sobre as povoações. A vores gigantescas, aos centos, eram arrancadas e levadas pelas aguas, arrasando com o choque tudo quanto na sua frente encontravam. Só na provincia de Kil o numero de mortos é superior a doze mil. Quando as aguas baixaram, ficaram os campos cobertos de cadaveres, o que faz receiar agora uma segunda desgraça: a epidemia. Os prejuizos materiaes calculam-se em mais de 300 milhões de libras. O governo envia soccorros para toda a parte; mas é tal a difficuldade em fazer chegar os viveres aos logares destruidos, que se receia não haja tempo de salvar e morram ainda alguns milhares de pessoas á fome!

A BALANÇA DO COMMERCIO

E' do *Economista*, o seguinte artigo:

Porque as notas estatisticas aduaneiras não acusam entre nós egualdade de numeros, antes as importações são superiores ás exportações, algumas folhas, e das de maior circulação, pretendem ver n'isso um symptoma de decadencia economica do nosso paiz. Esta opinião filia-se na antiga escola da *balança do commercio*, cujo absurdo apesar de ter sido innumeras vezes demonstrado, ainda encontra sectarios, que julgâmos de boa fé, porque não temos o direito de suppôr, por falta de provas, que uma exploração politica pura e simples leve á emissão de taes proposições.

Se estão perdidos os paizes cujas exportações não são superiores, ou pelo menos eguaes, ás importações, está arruinada a França republicana, a riquissima e prosperrima França, e que n'este anno com a brilhante expssição de Paris tem arrecadado as economias de todo o mundo, a ponto do seu primeiro banco ter agora um excesso d'ouro em caixa superior ao de egual periodo do anno anterior, de 300 milhões, sendo 100 em barra, e 200 em moedas!

Pois essa prospera França mostra nas suas estatisticas aduaneiras, n'este anno para ella de excepcional movimento, o seguinte em milhares de francos, a contar do 1.º de janeiro até 31 de agosto.

Importações... mil francos	2.765:661
Exportações... mil francos	2.267:661
Excesso das *importações* »	498.000

Entra em scena outra republica—paiz novo, com recursos, com iniciativa, com riqueza como nenhum outro povo da terra—os Estados-Unidos da America.

A estatistica aduaneira d'esse paiz, que demais a mais defende a sua industria nacional com direitos protectores verdadeiramente ferozes, e que se propõe agora, com um congresso americano, fechar os portos de toda a America á industria do Velho Mundo,—a estatistica das alfandegas de Nova York em 8 mezes de janeiro a agosto de 1889, mostra-nos o seguinte em dollars.

Importações....dollars	341.807:810
Exportações....dollars	230.307:646
Excesso das importações	111.500:164

Estão arruinados os Estados-Unidos, porque pelo seu principal porto as importações são inferiores ás exportações quasi cincoenta por cento d'estas?

Falle a estatistica ingleza:

Diz-nos ella que de janeiro a agosto de 1889 foram as importações. lb.	276.449:310
e as exportações só... lb.	162.364:324
Excesso das importações. lb.	114.084:986

Está perdida a Inglaterra, a senhora de sete decimos da navegação mercante do mundo, porque as suas importações excedem as exportações em cerca de 70 por cento o valor d'estas? E a commercial e activa Belgica o que nos mostra nos primeiros sete mezes do anno corrente?

Importações... francos	773.988:000
Exportações... francos	673.135:000
Excesso das importações »	100.853:000

Terá a Belgica perdido o seu logar brilhante entre os paizes commerciaes, sobretudo de commercio de transito? Não nos parece.

Não fallaremos na Italia, onde a falta de exportação de vinhos fez diminuir muito, n'este anno, o movimento commercial n'aquelle paiz, que se acha, como é sabido, a braços com uma temerosa crise economica e financeira;—não fallaremos pois n'esse paiz que em 7 mezes mostra nas

importações, liras....	749.989:000
nas exportações, liras..	527.722:000
havendo um excesso de importação, de liras..	222.267:000

Accrescentaremos, porém, que nos annos em que na Europa se citava a Italia como um modelo de prosperidade financeira e commercial, a *balança do commercio* não se estabeleceu.

Ora onde encontramos as exportações superiores ás importações, é em paizes muito respeitaveis, politicamente importantissimos, mas que não nos parece que economica, industrial e commercialmente, possam servir d'exemplo, pelo menos por emquanto.

O movimento commercial da Russia, de janeiro a junho, d'este anno, mostra em milhares de rublos o seguinte:

Importações	199:718
Exportações	349:896
Excesso das exportações..	150:178

E a nossa visinha Hespanha, em oito mezes, accusa o seguinte, em milhares de pesetas:

Importações	332:588
Exportações	420:992
Excesso das exportações...	88:404

Ora, quando os factos nos mostram que a Hespanha e a Russia teem excesso de exportações sobre as importações, ao passo que a Inglaterra, a França, a Belgica e o principal porto dos Estados-Unidos teem um excesso contrario, enorme, das importações sobre as exportações; e, quando são conhecidos e incontestaveis os recursos d'esses paizes, declarar arruinada uma nação de segunda ordem, porque a estatistica aduaneira mostra resultados parallelos ás de nações riquissimas, não nos parece que seja apreciação fundada.

E, na verdade, julgar da riqueza de um paiz não pela importancia total, maior ou menor, de todas as suas transacções commerciaes, não pelo accrescimo ou diminuição que esse movimento tenha tido em comparação de annos anteriores, mas simplesmente pela differença para mais das importações sobre as exportações, é um grave erro, indesculpavel no fim do seculo XIX. Felizmente que entre nós, como mostrámos no domingo, as importações e exportações reunidas no primeiro semestre de 1889, comparadas com igual periodo do anno de 1881, mostram um excesso de quasi vinte e dois por cento a favor do periodo actual.

OS DRAMAS DO MAR

Dizem que a sciencia humana subjuga os mares; que lhes sonda a profundidade; que lhes observa as producções infinitamente variadas; que liga atravez d'ellas os continentes e a humanidade; e que lhes conhece o passado e o futuro, inscrevendo os seus movimentos e os seus assombrosos phenomenos no registo dos conhecimentos do homem.

Dizem tambem que é magestosamente ineffavel a poesia do mar; que, em pleno oceano, sob o mar dos tropicos, a alma se enleva nas solidões fosforescentes das ondas que marulham e que nos embalam docemente sob um docel cravejado de safiras; que o mar *tem sido o sonho de heróes* e o caminho da gloria; que, sobre as ondas azues do Mediterraneo fluctuarão eternamente os idilios da alma grega; e que pela face verdenegra dos largos oceanos perpassam, em delicioso concerto, poemas de saudade e canticos de esperança.

Child Harold, de cabellos soltos ás virações maritimas, sentiu-se grande e livre, deixando irradiar o espirito á flor das vagas, n'um espaço desmedido. Michelet achou a nota profunda e vibrante para traduzir as misteriosas epopeias do oceano; e a lira de Richepin ai da hoje vibra, sob a estranha e poderosa influição da fecundissima musa dos mares.

E comtudo o mar é cavado de tenebrosos abismos, eriçado de escolhos fataes, agitado de tormentas homicidas. E comtudo as ondas, quando se espraiam docemente, trazem após de si a fauce escancarada dos monstros, e velam hipocritamente a podridão que lhes envenena o seio, a lama que lhes serve de estrado, e a traição que desencadeia as mais horrorosas catastrophes, as mais solemnes tragedias.

Por uma complacencia, de que o mar é indigno, ou porque a linguagem humana é pobre para exprimir a angustia suprema de uma tragedia maritima, ou porque seja impossivel ao homem figurar á vista o scenario formidando das grandes catastrophes do mar, todos os grandes tragicos, antigos e modernos, parece que fugiram ad rede dos grandiosos assumptos, em que abunda a historia do mar. Effectivamente, a inspiração que fez estremecer a Grecia perante os crimes de Medéa, e que inventou o suplicio de Prometheu e a crueldade de Thiestes, hesitaria e recuaria diante da pavorosa realidade das indescriptiveis agonias, que tantissimas victimas arremessam a esse tumulo enorme, onde ha sempre logar para mais e para muito mais.

Em Portugal, quando ha poucos annos o sentimento publico foi profundamente abalado pelo horroroso naufragio do vapor *Porto*, houve inutilmente umas tentativas de reproducção theatral.

Inutilmente! Ninguem avalia nem descreve a dôr cruciantissima de um pae que, á vista da terra, sabe que vae sepultar-se nas ondas com os filhos que adora. Ninguem reproduz pela palavra a ancia infinita, o desespero esmagador, de quem vê da praia submergir-se nas vagas a amurada do navio, e com o navio os seres que lhe são mais queridos.

N'esses momentos solemnissimos, a dôr humana traduz-se apenas no grito que despedaça a alma. A tragedia finda alli, e não póde representar-se mais.

Se aos horrores do naufragio accresce o incendio a bordo, o sinistro toma ainda proporções mais pungentes e mais pavorosas. A morte pelo fogo ou a morte pela agua é o dilema tragico, em que se debate o perturbado espirito dos naufragos, e em cuja solução é muitas vezes chamado a intervir o cego e fatal acaso.

Um dia, no formoso lago Champlain, que lança as suas aguas para o grande rio San-Lourenço, nos Estados Unidos, navegava ligeiramente o vapor *Fenix*, transportando quarenta passageiros. A' uma hora da manhã, quando todos os passageiros dormiam em seus beliches, illuminou-se de repente a coberta do navio. Um marinheiro, que descera, para cear, ao paiol dos mantimentos, deixara ahi por esquecimento uma candeia accesa, que rapidamente communicou fogo a este repartimento. O machinista quiz dominar o incendio, mas foi logo cercado pelas chammas, e subiu á coberta para dar o alarme. O capitão despertou os passageiros, reuniu os marinheiros, e perguntou-lhes se estavam dispostos a arrostar com a morte, emquanto aquelles se salvavam nas lanchas. Todos, sem hesitar, responderam affirmativamente, e trataram de deitar as lanchas á agua. N'este momento, as chammas, atravessando a coberta, serpearam pelo mastro e envolveram a chaminé e o piloto, que se manteve no seu posto, em quanto não sentiu o rosto e as mãos *assadas*, segundo a expressão de uma testemunha presencial, miss Wrigth.

O calor intenso, que rodeou a caldeira, duplicou a força da machina, e o vapor corria vertiginosamente sobre as ondas. Quando já estava proximo da terra, partiu-se-lhe o leme, e o vapor affastou-se da praia, impellido pelo vento. De subito, a machina parou, e deixou o vapor á mercê das ondas.

Com um trabalho indescriptivel, e em meio das mais terriveis angustias, os passageiros, semi-nus, conseguiram descer para as lanchas, recebendo ahi, das mãos dos marinheiros, as mulheres e as creanças. Como as lanchas já estavam pesadas, os marinheiros, rodeados de chammas, conservaram-se no navio, que se fez ao largo.

Viram elles então que uma rapariga e um rapaz de 16 annos tinham ficado esquecidos a bordo. Tirados d'entre as chammas, o rapaz foi ligado a uma prancha, e um marinheiro, bom nadador, atirou-se com elle ao lago.

O capitão, conservando em seus braços a pobre mulher, tranzida de terror, conservou-se a bordo do navio, até que viu o ultimo dos seus marinheiros atirar-se á agua, sobraçando um pedaço de madeira. N'este instante, o capitão lançou ao lago uma mesa que reservava como meio de salvação, e atirou-se com a rapariga ao meio das ondas. Estorçava-se já para a collocar sobre a mesa, quando a desgraçada, dominada pelo terror, lhe apertou tão fortemente o pescoço, que elle, procurando desembaraçar os movimentos, viu a rapariga levada pelas ondas. Nadou em soccorro d'ella, que já tinha lançado as mãos a um pedaço de madeira incendiada. Ouviu-lhe um grito e viu-a desapparecer no meio das chammas e das ondas. Não podendo salval-a, o capitão rodeou o navio abrasado e recommendou aos tripulantes, que se mantivessem á tona de agua sobre pranchas de madeira, e que confiassem no regresso das lanchas, pois que deviam regressar alli, guiadas pelos clarões do incendio.

Infelizmente, esperaram debalde toda a noite. Quando os marinheiros das lanchas alli voltaram, no outro dia, encontraram apenas o casco da *Fenix*. Os seus companheiros haviam desapparecido. Apenas o capitão foi encontrado a distancia, sobre uma prancha, sem sentidos, mas vivo. De sete tripulantes, que pereceram, ninguem poderá contar-nos os ultimos e tragicos momentos.

Estão registados milhares de catastrophes analogas, e certamente as mais formidaveis são aquellas que o seio do oceano amortalhou no silencio dos seus abysmos, sem que podesse repercutir-se entre os vivos o ultimo ai dos moribundos.

Quantas tragedias obscuras, quantas agonias pungentissimas, quantos brados sem éco, terão tido por testemunhas unicas os vagalhões que varrem a ultima esperança e levam apenas ás plagas distantes os derradeiros e indecisos rugidos de um monstro saciado!

Nem sempre ruge o monstro. Muitas vezes desdobra-se traiçoeiramente em ondas suavissimas, banha-se de luar e deixa affagar-se por brandas virações; e, quando a embarcação resvala descuidosamente, como sobre um tapete veludineo, o monstro escancára as fauces, sacode imprevistamente a fragil construcção, e devora quanto ella conduz.

São as ondas o exemplo da perfidia. Não direi que são *traidoras como as mulheres*, para não dar razão inteira ao velho Shakespeare; mas são traidoras por habito e destino, e a sua nefanda traição só encontra atenuantes na imprevidencia das victimas.

Ha poucos dias ainda, subiam ellas serenamente pelo Tejo acima. Os ultimos reverberos do sol poente estiravam-se no espelho das aguas, em que se revia um céu azul sem nuvens. Pelas duas margens reboavam ainda os écos da alegria e dos folguedos da tarde. E pelo Tejo singrava alegremente uma canôa. Dentro d'ella, cheios de vida, de esperanças e de affectos, iam seis vultos, cuja physionomia sorridente reproduzia a intima tranquilidade e a ventura dos seus lares.

Momentos depois, eram elles os protogonistas de uma tragedia lugubre, representada sem espectadores, n'um proscenio que era o cairel de um abismo. A lua ergueu-se então como um brandão funerario; as ondas—sempre perfidas—amortalharam silenciosamente as victimas no fatidico lençol de espumas, que é a mortalha commum de todos os naufragos; continuaram a subir Tejo acima, serenamente, indifferentemente, e, quando tocaram na praia, não fizeram a historia da sua hecatombe, mas levaram a muitos corações presagos o rumor de uma grande catastrophe.

Meu Deus! como as ondas são perfidas, e como eu odeio o mar!

Candido de Figueiredo.

CARTA DE LISBOA

26 DE SETEMBRO DE 1889.

A folha official publicou o aviso de que, no dia 28 do corrente, anniversario dos nascimentos de Suas Altezas o Principe Real D. Carlos e da Princeza D. Maria Amelia de Orleans, não haverá a recepção solemne do estylo, ficando comtudo considerado de grande gala para todos os effeitos o mencionado dia. E' a consequencia da compunção em que a familia real se acha pelo estado do sr. Infante D. Augusto.

— A desgraça de Pedrouços, tem dado logar a variadas versões attribuindo-se a causas até impossiveis. O que é natural suppôr é que o naufragio se deu por incuria dos infelizes tripulantes, que não tiveram forças para vencer a corrente e mestria bastante para evitarem a catastrophe. Sobre o assumpto escreve muito sensatamente o *Diario Popular* as seguintes linhas:

«A dolorosa catastrophe tem despertado para a analyse do *facto* um sem numero de continuadores de Dupin—aquelle genio da investigação e da percepção, que o illustre Edgar Poé immortalisou. A versão de ultima hora é *um abalroamento involuntario*, do *D. Amelia* com outro barco. Na corrente d'esta versão, os tripulantes do barco mysterioso, apenas viram cinco dos tripulantes do *Amelia* precipitados nas ondas e o sexto tripulante cahido no fundo do barco, fizeram-se ao largo com a precipitação natural em auctores de... de *um abalroamento involuntario!* Não queremos intervir no caso, a titulo de destruidores de mysterios. Mas como simples *espectadores* fazemos observar:

1.º—Que o abalroamento, seguido de immediata catastrophe, destroe a versão dos «lenços brancos» agitados durante largo tempo pelos naufragos, á vista de centenares de pessoas.

2.º—Não ha grupo de scelerados, capaz de, em seguida a um abalroamento occasional, que lançou nas ondas cinco homens e outro, gravemente ferido, no fundo de um barco,—capaz dizemos, de pôr-se ao largo com a precipitação egoista de assassinos, abandonando aquelles desgraçados, a quem facilmente prestariam soccorro. Um homem, só, poderia irreflectidamente, apavorado, commetter uma tal monstruosidade; dois, tres, mais individuos não collaboram em similhante horror. E ninguem pensa, decerto, que o *Amelia* fosse abalroado por um barco tripulado por um só individuo... E' claro que não temos sobre as causas do desastre opinião segura, nem sequer o embryão de um juizo especial; isto que ahi fica é simplesmente uma nota á margem de divagações e de reflexões inspiradas nos melhores sentimentos, mas em rija contradicção com outras que tambem se inspiram nos sentimentos melhores».

O que acaba de lêr-se é o que é rasoavel, e fóra d'isso não póde haver nada convencente. O que ha sobre tudo, é que o facto se traduz n'uma enorme desgraça, desgraça em que todos teem parte porque a sociedade perdeu alguns de seus membros prestimosos, porque algumas familias perderam os seus unicos arrimos, e a parte mais sensivel do seu coração.

— Ainda sobre o estado dos nossos caminhos de ferro escreve o *Reporter*, o seguinte:

«Queira Deus que as linhas do sul e sueste não sigam os exemplos—torriveis exemplos—das suas collegas do Norte e Leste, queira Deus! Com effeito as linhas alheias á companhia real tem-se conservado abstensas de accidentes e irregularidades, pelo que muito as devemos louvar; mas parece que não estão dispostas a manter essa linda attitude, o que mais uma vez confirma a verdade de que o mau exemplo é contagioso. Pois o comboio que ás 4 horas e meia da tarde d'hontem partiu do Barreiro para Faro, descarrilou na estação de Albufeira, não originando, felizmente, outros incommodos a não serem os do trasbordo. Boa e amiga via ferrea algarvia, não queira que se falle de si como da sua confrade do Norte e Leste; olhe que uma obscuridade honesta e querida é muito preferivel a uma celebridade impudente e odiada. Confiamos em que estes conselhos a preservarão do contagio, condemnavel e mau».

— O sr. José Antonio de Freitas, talentoso escriptor, foi encarregado pelo governo brazileiro de colligir nos archivos da Torre do Tombo todos os documentos que alli haja, que forneçam elementos para a demarcação das fronteiras entre o Brazil e a Republica Argentina. E' uma missão importantissima e que mostra o alto conceito em que o nosso amigo é tido pelo governo do seu paiz. A solução d'esta pendencia entre os dois estados americanos entrou n'uma via completamente pacificadora. Se pelos documentos, que servirão de base ao processo que vae fazer-se, não se chegar a accordo, os dois paizes accordaram em submetter a decisão á arbitragem dos Estados-Unidos.

— Falleceu aqui o sr. Joaquim José da Graça, coronel commandante do regimento n.º 5 de caçadores d'El-Rei. A sua carreira militar foi a mais brilhante. Alem de outros serviços que desempenhou digna e honradamente, exerceu o cargo de governador do districto de Lourenço Marques, sendo depois transferido para o governo de Moçambique; foi governador interino da provincia de Angola; secretario da escola do exercito; governador da provincia de Macau e Timôr; enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto a Suas Magestades o imperador da China, imperador do Japão e rei de Sião; missão diplomatica junto ao vice-rei dos dois Kuangs e missão diplomatica junto á côrte do imperio do Japão, etc. etc. Foi sempre um perfeito homem de bem e um militar d'alta esphera. Era casado com uma irmã do sr. conde de Valbom, e foi victima do padecimento do coração que ha muito o atrophiava.

— Foi pronunciado, sem admissão de fiança, pelo crime de homicidio frustrado, o ex-conductor d'obras publicas, Carlos Saturnino d'Abreu Vianna, que no dia 3 do corrente tentou assassinar com um tiro de rewolver sua propria thia, a esposa do sr. general de brigada, Abreu Vianna. Com este acto de consummada justiça, folga a moralidade e a ordem publica.

— Alguns capitalistas de Lisboa e Loanda vão organisar uma companhia edificadôra na segunda d'aquellas cidades. A empreza é utilissima. Oxalá que vá por diante. Póde e deve contribuir para o engrandecimento da maior cidade da Africa portugueza.

Y.

CARTA DE SEVER DO VOUGA

O VIGILANTE

Não sei se os senhores conhecem o Vigilante do *Districto de Aveiro*. Hão de conhecer forçosamente. Tem a perspicacia de Bismark, a cabulice de Crispi, e a estrategia de Gladstone. E' um miope e rancoroso bandarra, que emergiu do meio acanhado e restricto de Sever do Vouga, para cantar hymnos encomiasticos aos serpios, anavalhando a dignidade impolluta do partido progressista d'esta terra. E' um Cobden, que poz a sua inobilissima palavra e a sua penna ao serviço de uma *troupe* salpicada pelas indignidades, prenhe de cobardias, repleta de desvergonhas. Vejam a nobilissima tarefa do grande e façanhudo Gambeta politico de Sever.

O pandigo vem encetar, como elle diz, uma série de correspondencias, para ferir nos brios, no nome e na honra aquelles que tem uma vida digna e a historia do partido que tem seguido nobre e irreprehensivel. Não é o amor á idéa, é a sede de nome; não é a convicção intima, firme e energica que o faz vir ao campo da imprensa, é a estulticia banal de um espirito pequenito que julga se immortalisa nas pugnas politicas, quando se vae collocar ao lado da gente sem brio, sem pundonor, sem precedentes levantados.

O Vigilante de Sever tem mas é desejo que se levante, pelo estendal de disparates com que se vae ennumerando, uma estatua de guano guarnecida de caveiras de burro. Se viver, o seu partido, far-lhe-ha isso, tenha a certeza.

Mas nós não; nós estaremos álerta para lhe esmigalhar pela base as baboseiras que vier propalar para a nobre avenida da imprensa. Nós é que havemos de esfolar aquelle odre, com esta caneta de dez reis, a ponto de nem lhe pouparmos o coiro que depois irá para a estrumeira, sem que nem ao menos tenha a utilidade de dar tombas para *sapatos de prateleira*. Havemos de bater n'aquelle bombo de arraial até o furarmos logo que elle principie a vomitar as asneiras que a correspondencia primeira mostrou, correspondencia banal, sem uma idéa aproveitavel que a nobilite, correspondencia rethorica que não pode ser desfeita senão com uma bala de troça bordalenga. Ora o diabo do pioneiro da Serpia!...

A baba pestilenta que dejecta sobre o partido honrado, o partido progressista, é filha apenas de uma consciencia de lama que, seduzida pelos vapores de futilidades latrinentas, julga poder conspurcar uma historia pontuada de luz e de factos de importancia subida. Está enganado.

O malandrim ha de reconhecer que o pantagruelico e fossil partido serpaceo de Sever do Vouga, apenas leva votos arrastados á urna pela compra da consciencia dos labrostes, dos desgraçados que arregalam os olhos com o aceno de um copo de vinho e o rancho batatal, ou com alguns cobres com que lhe acenam os patégos politiqueiros, que militam ás ordens imperativas do *baluarte* de Pecegueiro.

O partido progressista de Sever segue outro caminho opposto. Rasga a sua alma nobilissima a outro sentimento mais augusto, mais alto; porque é mesmo norma do partido geral de não reconhecer nada de mais sublime, de mais enthusiastico, mais fundadamente renovador e mais evangelicamente religioso do que fraternisar com os desgraçados, apontando-lhe os vicios da regeneração; appellar para os hu-

mildes e para os martyrisados pelo camartello dos pseudo-politicos, chamando-os á communhão divina da egualdade e do amor, a cujas banquetas se sentam os progressistas.

As portas do partido progressista de Sever estão abertas de uma em uma; póde vir com a sua furia canibalesca o Vigilante, que por mais que refocile e escave, a não ser que queira deturpar os factos, o que nós castigaremos, não encontrará n'elle aquillo que parece ter annunciado no exordio das suas correspondencias, que as gentes estupefactas e quasi allucinadas hypnologicamente, estão á espera de ver desenrolar. Mas é mister que o Catão de cebo do Vigilante não venha só botar estylo palanfrorio accusando vagamente, sem descer á arena dos factos, por que se o fizer, o Vigilante dará um estoiro na praça do ridiculo como um gato que cáe das alturas de um edificio. Ha só uma differença entre o gato e o Vigilante, é que o estoiro não será produzido por uma pressão compacta de materia, mas sim por um fole cheio de fumo. O' meu caro Vigilante; sabes o que é um sapo a contemplar o esplendor, a luz, a immensidade? E's tu a contemplar o partido progressista.

E querem os senhores ver mais um traço do Vigilante?

O demonio do escalracho empantufilha se com aquelle epitheto, quando é certo que o pantorrilha está a lavar as porcarias oleosas do seu fedorento corpo nas pobres aguas do mar e a expellir nauseabundos vomitos no barril de lixo e mexilhão do *Districto* de uma terra pela qual nada vigila. Sempre ha cada pedaço d'asno por este mundo de Christo fóra! E' melhor tractar das bombas que é officio leve. *H.*

CARTA DE FOZCOA

26 DE SETEMBRO DE 1889.

Já póde a opposição exultar e preparar as suas fileiras, porque está proximo o dia da grande batalha, em que patenteará ao paiz a sua grande força perante a urna. E' alli que ella vae mostrar a todo o mundo quanto este governo é nefasto e funesto aos interesses de Portugal. Anciava pelo dia das eleições, indicava esse dia como o mais feliz de toda a sua vida politica. Pois bem, marcou-se esse dia. Não desejou o governo protelar mais as suas ancias e clamôres, os seus desejos vehementes para que a lucta se trave o mais breve possivel. Está tudo remediado. Faltam apenas 23 dias, que pouco é. Mostrou o governo que não desejava demorar as eleições, como dizia a opposição. Mostrou que não receia da lucta, e que não é necessario congregar os seus amigos, nem pôr em linha de combate os seus soldados. As suas fileiras estão sempre unidas, disciplinadas, promptas á primeira voz. Entre os seus grupos não ha fraccionamentos nem subdivisões, não ha odios nem rancôres, não ha invejas nem ambições. E' por isso mesmo que o governo está sempre prompto para a batalha, para esse momento tão anciosamente esperado pela opposição, para esse dia sempre celebre nos annaes da politica portugueza, em que presenciaremos a derrota mais monumental e ao mesmo tempo o triumpho mais brilhante e extraordinario. Sim, porque a opposição está cada vez mais anemica e desorientada, mais esphacelada e moribunda, prestes a exhalar o ultimo suspiro. Nas suas hostes germina a inveja com toda a sua força possante e destruidora. Os seus grupos, scindidos em mil partidos, qual d'elles mais pequeno e rancoroso, só pensam em se desacreditar mutuamente, despedaçando fibra a fibra as entranhas onde se depositam as suas imperfeições, para as patentearem na imprensa e no parlamento, sem se lembrarem, sequer, de guerrear o governo, seu hrincipal inimigo.

E' este o estado actual d'essa massa disforme, corrompida e espalhada a que chamamos opposição; é esta a causa dos seus repetidos clamores e queixumes para que as eleições se realizassem brevemente. Bem sabe ella que quanto maior fosse a demora, maior seria a derrota. O periodo eleitoral é para ella uma epoca de decomposição e de grangrena. Não obstante a proximidade das eleições, ella caminha ainda taciturna e sombria, sem a minima sombra de animação e enthusiasmo, cheia de torpor e enfraquecimento. Falla ás vezes das febres de Vigo e da saude do monarcha; limita-se a attribuir ao governo violencias, vinganças, transferencias e demissões, sem que até agora haja noticia d'esses acontecimentos nem mesmo a simples lembrança de se exercer a mais leve pressão na liberdade eleitoral. Para que realisar e pôr em pratica todas essas violencias e vinganças, quando o governo, devendo deparar com um inimigo vigoroso e disciplinado, cheio de força e poder, encontra um adversario que inspira dó e compaixão, mendigando a sua protecção e a dos seus influentes politicos? Certamente que nunca o gabinete poderia uzar em taes circumstancias das medidas severas e terriveis, propaladas e prophetizadas pela opposição. Mas, não admira que ella berre e barafuste, porque para as opposições é sempre mau o que os governos fazem, embora se conheça ser bem feito.

— Annuncia-se para breve a chegada a esta villa do sr. José Joaquim Cavalheiro, o celebre delegado da Penitenciaria, que por indecorosas irregularidades commettidas no exercicio de suas funcções, fóra, ha tempos, expulso da magistratura pelo sr. Mexia Salema, então ministro da justiça e juiz da Relação de Lisboa. Consta-nos que d'esta villa, sua terra natal, se dirige a Figueira de Castello Rodrigo, por cujo circulo se propõe deputado.

O *Districto da Guarda* ultimamente chegado, refere assim a pretenção do sr. Cavalheiro:—«E' o caso de dizer: arrota pelintra, faz-te *lord*.

Não sabemos quem protegerá por alli a candidatura do ex-delegado, porque não conhecemos nos dois concelhos elementos politicos e eleitoraes de valor, que não sejam os do partido progressista. Se o sr. Sousa Cavalheiro pretende respigar aqui e acolá um outro voto, não lhe contestâmos a vaidade, nem lhe invejamos a gloria. Mas, se imagina ser cousa possivel fazer vingar a sua candidatura n'aquelle circulo, onde todos o conhecem, onde não tem nem pode ter amigos, e onde só é viavel uma candidatura progressista, affirmamos, sem receio de nos enganar-mos, que não só não vencerá, mas que ficará muito inferior em votação ao outro candidato da opposição.

Esta é uma das taes candidaturas que, ao nascer, apresenta logo todos os signaes de morte, inevitavel.» São estas as considerações do *Districto* com que plenamente nos conformâmos.

Lembra-nos transcrever do *Paiz* n.° 847 de 29 de agosto de 1874, a descripção da chegada do Penitenciario que o Prado fez n'aquella epocha, e que é interessantissima:

«Chegou a esta terra o filho do heroe Cavalheiro, despachado delegado da comarca da Pesqueira, apesar de ter sido classificado no concurso de 3.ª linha. Foi esperado por luzida comitiva, composta quasi toda de membros da familia. Houve foguetorio inguitado com o pez que o papá uzou em outras éras, e musica. A' frente da casa via-se um pinheiro do qual pendiam algumas fitas e uma bandeira que, para poder passar por obra prima, deviam pintar n'ella a mão do heroe da festança, empunhando a arma que tirou a vida ao Chumida. Os irritantes tiveram aberto um dos toneis da casa para humectarem a guella. A sanguesuga vae começando a lançar fora o que tem chupado.

Entre a comitiva notava-se certa entidade juridica, mordendo as guias do bigode e pallido como o pergaminho. E' possivel que o mordesse a vibora da inveja, e que o torturasse a vergonha de se ver amarrado ao carro triumphal do heroe que não ha ainda muito ridicularizava, rebaixando-lhe os creditos litterarios e tirando materia para a censura até da sua nudéz. As nullidades enfatuadas baixam-se facilmente: têem a espinha dorsal muito flexivel!» Bravo sr. Tavares !!!

— Realisa-se nos dias 29 e 30 do corrente, a feira annual de S. Miguel n'esta villa, que costuma ser pouco concorrida.

— Houve hontem avaria na machina do comboio-correio descendente do Porto, que originou demora de duas horas. A avaria deu-se na estação de Freixo, e desde ahi até ao Pocinho, a machina vinha parando continuamente. O correio só chegou a esta villa de noite, não se recebendo tambem o de Lisboa.

Correspondente.

SECÇÃO LITTERARIA

A BARBA

Salvas raras e *honrosas* excepções, a barba é na humanidade o patrimonio exclusivo do homem. A natureza differenciou-o da generalidade do bello sexo, plantando-lhe essa especie de vegetação capilar no rosto.

Um homem com barbas é um proprietario; e ao seu cultivo e tratamento se dedica uma classe social importante e numerosa,—todo um ramo das artes bellas,—o ramo dos barbeiros a cabelleireiros.

Não se sabe positivamente se com o primeiro homem nasceu a primeira barba; nem nas pinturas antigas, nem nos escriptos dos 118 Santos Padres apparece sufficientemente claro este grave assumpto; no caso de ter sido o bom Adão o primeiro *barbaças*, a elle deve attribuir-se uma interessante tradição que chegou aos nossos dias, sobre a origem da barba. Era ainda imberbe o nosso respeitavel avô: descançava um dia á sombra d'uma frondosa arvore do Paraizo, e adormeceu profundamente. Sentiu em sonhos como que uma substancia liquida, fluindo das folhas ou escorregando dos fructos da arvore, a cair-lhe sobre o rosto: acordando, achou-se possuidor de barbas. Até ha poucos annos, não estava ainda bem explicado este phenomeno; o liquido com que Adão sonhou era um dos muitos, invenção do seculo actual, para fazer crescer o cabello.

Inutilmente teem os sabios procurado justificar o papel da barba no rosto, sob ponto de vista physiologico.

Se o nariz fosse inutil, alguem haveria que, descontente do seu, o teria supprimido, passando-o á navalha; se não fosse precisas as orelhas, não haveria tanto esmero em conservar esses ridiculos appendices que, á maneira de azas, trazemos sobre os ossos temporaes; se podessemos, emfim, passar sem olhos, já os haveriamos trocado por alguma d'essas tentadoras coisas, cuja posse nos custa... os olhos da cara; porém muito pouco deve influir a barba no decurso da vida humana, quando tantos homens vivem sem ella e lhe declaram guerra de extermínio.

Não é, porém, na vida social coisa tão insignificante e ligeira. A barba dá ao homem respeitabilidade e importancia, e ás vezes emblema de valor e de bizarria. Mandae barbear um portamachado, e tereis supprimido um dos maiores prestigios do batalhão d'esse bravo filho de Marte. Supprimi a barba a um galã caracteristico, e é possivel que o drama cáia desastrosamente.

Sem as barbas, o valoroso D. João de Castro seria menos venerando perante a posteridade.

Comtudo, a barba nem sempre gosou do mesmo interesse e egual importancia; cada epoca e cada povo revelou na barba as suas tendencias e gostos; umas gerações esgrimiram inexoravelmente contra ella a navalha, outras a deixaram crescer e prosperar a capricho. Imprime verdadeiro caracter a certos homens e a certas epocas.

Não se comprehende um propheta barbeado, como se não comprehende um cortezão de Luiz XVI com barba. Equivaleria a pintar qualquer rei mouro, ou algum dos nossos ousados navegadores, de frack e chapeu alto.

Percorramos rapidamente os periodos prosperos e aziagos da barba. Sobre este interessante assumpto, os escriptores e chronistas bastante luz derramaram nas paginas da historia.

A civilisação grega foi protectora. *durante largo tempo*, dos rostos cobertos de barba; ficava bem aos philosophos, aos sabios, e mesmo aos que não eram nem sabios nem philosophos. Mas, não devia durar eternamente esse estado de coisas. Apparecendo na grande scena do mundo, Filippe de Macedonia, entendeu dever apresentar-se sem barba; tremeram, pois, as barbas nos rostos athenienses; o seu futuro obscurecia-se! Veiu em seguida Alexandre com a mesma nudez facial de seu bom pae, e o escuro futuro das barbas trocou-se em negro presente. As barbas, então, tremeram e cairam, e em breves annos não havia em toda a Grecia uma barba para... uma amostra.

Durante quatro seculos e meio foram os romanos gentes de *pello no rosto;* ninguem lhe havia subido ás barbas, até que em 454, da sua era, appareceu em Roma uma legião de *barbitonsores*, acaudilhados por Publio Ticinio; vinham da Sicilia, onde a sua multiplicação era enorme, e forçoso lhes tornava tentar fortuna. A empreza não lhes saiu mal; as mais opulentas barbas foram as primeiras a succumbir ao fio das suas thesouras.

Tornou-se geral a despovoação dos rostos em todas as classes sociaes; erigiram-se os cabelleireiros em verdadeiras instituições. O costume de cortar a barba foi submettido a severo regulamento: aos vinte annos ficava o homem sujeito ao braço secular de barbeiro; aos 49 emancipava-se, contraindo, porém, o compromisso de não tornar-se a barbear.

Era um grande dia para os romanos aquelle em que lhes faziam a primeira barba; festejava-se rijamente nas familias esse grande acontecimento. Com o que os barbeiros muito se alegravam, está claro.

A desfloração do rosto devia ser muito grata, tanto para os barbeiros como para os deuses; assim devia constar aos romanos, uma vez que a sua primeira barba, cuidadosamente encerrada em rico estojo de oiro ou prata, era levada ao templo e consagrada a tal ou qual divindade, sobretudo a Jupiter Capitolino, que ficava muito agradecido por semelhante fineza.

Sopraram ventos propicios para os artistas *barbintonsores* durante os primeiros quatorze imperadores romanos; mas esses ventos mudaram de rumo quando Ariano traçou o manto imperial. Tornou-se ao antigo regimen, devolveram-se as barbas aos rostos. Gentes maliciosas affirmam que esta medida de Adriano não foi inspirada no desejo de não privar o rosto masculino da sua mais respeitavel insignia, mas com o fim de occultar discretamente certas e determinadas cicatrizes que campeavam descaradamente em seu proprio rosto. Attribue-se a responsabilidade d'esta noticia a Plutarcho. Quem sabe, porém, se esse boato teria sido espalhado pelos barbeiros?

O que é certo é que até os tempos de Constantino as barbas continuaram fazendo furor entre os romanos.

Passando agora das modas profanas ao que poderiamos chamar modas divinas, vejamos as caras dos santos varões consagrados ao culto religioso em differentes povos e ritos.

Não era a Egreja dos tartaros a que menos presava a barba; um dos altos deveres do bom crente era a esmerada conservação da barba; quanto mais densa e formosa, maior consideração dos deuses gosava o seu proprietario; a fórma dos bigodes estava regulamentada nos sagrados ritos, e quando se fulminou contra os persas excommunhão e declaração de infieis, um dos maiores motivos foi dispôr-se o bigode á vontade propria, dando-se-lhe a fórma mais do agrado de cada um. Por este simples negocio, sustentaram persas e tartaros uma das mais sangrentas e prolongadas luctas que registram os annaes da historia.

A partir de Moysés todos os prophetas consideraram muito digno do seu augusto caracter o uso da barba. O Velho Testamento, e o Novo tambem, apresentam as suas principaes figuras ostentando venerandas barbas.

O concilio de Carthago pôz limites a esses appendices do rosto, sujeitando-o a certa fórma e medida.

Separadas as egrejas grega e romana, surgiu entre ellas a rivalidade, especialmente sobre pontos de barba e bigode: sustentava uma a conveniencia de barbear os clerigos, pois que ficariam com a cara mais beatifica e... acceiada: outra declarou-se pelo respeito ás barbas indefinidas, que imprimem muita gravidade ao semblante.

Emfim, os monges de muitos mosteiros e ordens deixaram crescer á larga os appendices capilares do rosto, embora se barbeassem quando pela primeira vez celebravam missa. E' fama que a barba que em tão solemne occasião se cortava, era abençoada e conservada.

Havia certamente por esses asylos de Deus barbas verdadeiramente monumentaes. A secularisação das ordens monasticas e a suppressão dos granadeiros á antiga, deram cabo das melhores barbas do mundo!

Presentemente, a civilisação, tomou conta da barba do homem. Dispômos d'ella á nossa vontade, incluindo-a nos direitos individuaes. Simplesmente convém deital-as de molho... quando virmos as dos visinhos a arder!

Francisco Mysterio.

PINHEIRO AMBICIOSO

Era uma vez um pinheiro, que não estava contente com a sua sorte. «Oh! dizia elle, como são horrorosas estas linhas uniformes de agulhas verdes, que se estendem ao longo dos meus ramos! Sou um pouco mais orgulhoso que os meus visinhos, e sinto que fui feito para andar vestido de outro modo. Ah! se as minhas folhas fossem de oiro...» O Genio da montanha ouvi-o, e no dia seguinte pela manhã acordou o pinheiro com folhas de oiro. Ficou radiante de alegria, e admirou-se, pavoneou-se todo, olhando com altivez para os outros, que, mais sensatos do que elle, não invejavam a sua rapida fortuna. A' noite passou por alli um judeu, arrancou-lhe todas as folhas metteu-as n'um sacco, e foi-se embora deixando-o inteiramente nú dos pés á cabeça.

«Oh! disse elle, que doido que eu fui! Não me tinha lembrado da cubiça dos homens. Fiquei completamente despido. Não ha agora em toda a floresta uma planta tão pobre como eu. Fiz mal em pedir folhas de oiro; o oiro attrahe as ambições. Ah! se eu arranjasse um vestuario de vidro! Era deslumbrante, e o judeu avarento não me teria despido.»

No dia seguinte acordou o pinheiro com folhas de vidro, que reluziam ao sol como pequeninos espelhos. Ficou outra vez todo contente e orgulhoso fitando desdenhosamente os seus visinhos.

Mas n'isto o céu cobriu-se de nuvens, e o vento rugindo, estalando, quebrou com a sua aza negra as folhas de crystal.

«Enganei-me ainda, disse o joven pinheiro, vendo por terra todo feito em pedaços o seu manto crystalino. O oiro e o vidro não servem para vestir as florestas. Se eu tivesse a folhagem assetinada das avelleiras, seria menos brilhante, mas viveria descançado».

Cumpriu-se o seu ultimo desejo, e, apezar de ter renunciado as vaidades primitivas, julgava-se ainda assim mais bem vestido do que todos os pinheiros seus irmãos. Mas passou por alli um rebanho de cabras, e vendo as folhas acabadas de nascer, tenrinhas e frescas, comeram-lhas todas sem deixar uma unica.

O pobre pinheiro, envergonhado e arrependido, já queria voltar á sua fórma natural. Conseguiu ainda este favor, e nunca mais se queixou da sua sorte.

Guerra Junqueiro.

Publicação a pedido

AMOR DE MULHER

ao meu particular amigo

ANTONIO J. CAVALLEIRO

(offerecimento)

Amigo.—Não é uma joia que te offereço; é um testimunho da minha amizade. *Dedicando-te este pobre conto*, peço-te que o guardes e estimes, não pelo seu valor litterario, mas sim porque tenho a firme certeza que cada vez que olhares para essas linhas escriptas ao correr da penna, te has de lembrar dos nossos passeios; das massadas do Brandão, da minha raiva ao Ferrabraz e dos olhares ternos da tua Catharina e da minha Virginia.

Teu amigo affectuoso

Armando.

—

AMOR DE MULHER

Nos meus tempos da mocidade, havia na Louzã um rapaz extremamente sympathico e de quem eu era verdadeiro amigo. Luiz, assim se chamava, pagava a minha amizade com egual affecto, por isso nós andavamos sempre juntos e depositavamos um no outro os segredos mais intimos.

Um bello dia, Luiz namorou-se louca e apaixonadamente por uma das mais gentis e formosas Louzanenses. Ora eu que demasiadamente conhecia em Emilia um verdadeiro coração de pedra e um dos genios mais chocarreiros e escarnecedores, debalde quir dissuadir Luiz de amar aquelle demonio mascarado em mulher formosa; porém o meu amigo estava de tal fórma prezo que todos os recursos da minha fraca intelligencia não foram bastantes para dominar o seu louco intento. Emilia era uma verdadeira menina da moda; era uma d'aquellas meninas que possuem um cartãosinho bordado a ouro a que ellas chamam *lista dos tolos* e no qual escrevem o nome de todos os apaixonados que se rendem a seus pés loucos de amor. Apesar d'isto respondia ternamente ás cartas apaixonadas de Luiz, e no seu estylo mais ornamentado com flores de rethorica do que com a verdade, resplandecia um certo cunho de innocencia que parecia revelar o amor que ella dizia sentir pelo meu infeliz amigo.

*

Uma tarde estava eu no meu quarto teimando em resolver uma intrincada equação algebrica, quando entrou Luiz e me convidou para irmos dar o costumado passeio. Sahimos e encaminhámo-nos para o Regueiro, um dos logares mais pittorescos da Louzã. Haveria um quarto d'hora que alli estavamos gosando da sombra de um dos mais frondosos castanheiros do sitio, quando vimos duas rolas brancas como a neve arrulhando e esvoaçando por sobre as arvores e que se beijavam terna e meigamente.

— Como são felizes! disse eu rompendo o silencio em que estavamos. Como eu lhes tenho inveja! E tu, Luiz, tambem lhe invejas a sorte?

— Não, respondeu elle. Tambem amo e sou amado de egual modo.

— E tens a certeza d'isso?

— Tenho.

— Luiz, cautella com essa mulher. Conhecel-a muito pouco. Parece-me que Emilia só por passatempo ou capricho corresponde ao teu amor. Digo isto porque ella já me escreveu e a outros rapazes cartas identicas a essa e passados oito dias escarnecia-nos.

— Cala-te se és meu amigo, respondeu elle. Se tu visses essa mulher, esse anjo que eu adoro, lançada em meus braços e dizendo-me:—«Amo-te Luiz!—» por certo não duvidarias da minha felicidade. Porém mudemos de assumpto porque a tua continua duvida me magôa bastante.....

.....

Passaram-se quatro dias sem que Luiz voltasse a minha casa para irmos ao costumado passeio. Cançado já de o esperar no quinto dia resolvi ir a sua casa. Porém ao transpor os humbraes da porta, parei estupefacto. Ao fundo do corredor, estava a sua estremecida mãe, quasi louca, lavada em lagrimas e que ao ver-me correu para mim, dizendo-me:

Ai! senhor Erse! O meu Luiz, o filho da minha alma, o seu amigo, cahiu do cavallo abaixo e está muito mal. Parece-me que perco o meu querido filho!

E abundantes lagrimas redondas e brilhantes como perolas, inundavam-lhe as faces maceradas.

«— Posso ir ao quarto d'elle? perguntei eu.

— Não senhor! Perdôe-me por Deus não satisfazer o seu desejo. Mas o medico prohibiu expressamente que fallasse com pessoa alguma. E o meu querido filho no meio dos attaques que lhe dão, tem chamado tanta vez por si!... E' uma dôr! Eu endoideço! Morro, se perco o meu filho!!!...

Treme-me a penna na mão e mesmo não tenho pallavras com que possa descrever o terror e a angustia que se apossaram de mim, n'aquelle terrivel momento. Emfim, sahi de casa de Luiz, cambaleando como se estivesse ébrio e dirigi-me para casa onde me deixei cahir, quasi louco de dôr, sobre um canapé...

*

No outro dia pela manhã, quando me preparava para ir a casa de Luiz, ouvi os sinos da villa que no seu dobrar monotono e melancholico, annunciavam que mais um ente deixava o mundo. Perguntei a minha mãe quem tinha morrido, ao que ella abraçando-me e com as lagrimas nos olhos disse:

— O que vale occultar-te uma cousa que breve saberias? Quem morreu foi Luiz, o teu amigo!...

Se ha alguem que tenha perdido um amigo tão dedicado como aquelle infeliz rapaz, poderia decerto avaliar a minha dôr. Porém não ha pallavras que a descrevam.

.....

*

Era n'um domingo. O enterro devia effectuar-se n'essa tarde e eu embora não tivesse coragem sufficiente para acompanhar Luiz á sepultura, não poude deixar de lhe dar o ultimo adeus. De tarde dirigi-me á egreja matriz da villa. No centro, estava uma eça ricamente ornamentada e no cimo e em um caixão egualmente rico repouzava o corpo do meu infeliz amigo. Em volta alguns sacerdotes entoavam não sei que canticos latinos.

Ajoelhei e dirigi a Deus uma prece pelo eterno repouso d'aquelle malfadado rapaz. Pouco depois, disse-lhe o ultimo adeus e sahi da egreja levando no coração a magoa da perda do ente mais querido da minha vida....

Ao passar por um dos largos mais frequentados da villa vi sentado n'um banco um grupo de meninas do *higlife Louzanense*.

«— A Emilia é que ficou viuva, disse uma d'ellas. Coitada.

Ora adeus! respondeu um voz de crystal cheia de regateirice. Rapazes ha muitos!!!

Voltei e vi Emilia que acabava de dizer estas palavras e que me cumprimentou com um sorriso.

Louzã—25—9—89.

Armando Erse.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 23

Annuncio de estar aberto concurso para professores de desenho nos lyceus da Guarda, Horta, Leiria e Portalegre.

Relação nominal dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio Grande do Sul, referida ao mez de fevereiro do corrente anno.

Diario de 24

Varios despachos administrativos e de instrucção publica.

Portaria mandando abrir concurso de provas publicas perante o respectivo prelado, para o provimento da parochia de Rosem, no concelho do Marco de Canavezes.

Relação das obrigações sorteadas para amortisação.

Relação nominal dos portuguezes fallecidos na area do consulado do Rio Grande do Sul, referida ao mez de março do corrente anno.

Portaria mandando abrir concurso para a arrematação da empreitada geral da conclusão das obras na enseada da Povoa de Varzim.

Diario de 25

Faz publico que sua alteza o infante D. Augusto foi accommettido de uma asistolia, com symptomas de hipezenia pulmonar, sendo grave o seu estado.

Relação nominal dos *portuguezes* fallecidos na area do consulado do Rio de Janeiro, referida ao mez de março do corrente anno.

2

FOLHETIM

A. D'UMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

PREFACIO

POR

JULIO JANIN

—*—

MARIA DUPLESSIS

Passou esse inverno, depois o estio, e no outono seguinte, uma vez ainda, mas d'essa vez em todo o esplendor d'uma representação a beneficio, em plena Opera, vimos de repente abrir-se, com certo estrondo, um dos camarotes de primeira ordem, e apparecer a mesma formosa dama, que tinhamos encontrado no outro theatro plebeu.

Era ella, mas na grande sumptuosidade da mulher da moda, radiante de todas as fascinações do luxo e da riqueza. Estava deliciosamente toucada, matisados os cabellos de flôres e diamantes, e penteados com certa graça estudada, que lhes dava movimento e vida; tinha os braços nús, o peito nú, e um collar e um bracelete de esmeraldas. Na mão trazia um ramo; de que côr? não sei. E' preciso ter os olhos de um rapaz e a imaginação d'uma creança, para distinguir a côr das flôres, sobre as quaes se inclina um rosto formoso. Nas nossas edades não se vê senão a face delicada e a luz do olhar: pouco importa o accessorio; e se nos divertimos a tirar consequencias, é da propria mulher, o que já parece uma grave tarefa, realmente.

N'essa noite, Duprez começava a luctar com a sua voz rebelde, soffrendo d'um modo mais terminante as revoltas indomaveis; mas só elle as presentia; o publico nem as advinhava ainda. Unicamente os espectadores mais attentos e de ouvidos mais delicados, alguns amadores mais distinctos, descobriam a fadiga na habilidade, e os immensos esforços do artista para se illudir a si mesmo.

Evidentemente, a formosa dama, de quem fallo, era um juiz discreto, porque, depois de alguns minutos de attenção, notava-se que não estava satisfeita, e que se retirava para o fundo do camarote, preferindo observar com o seu binoculo a physionomia da sala, a ouvir o canto de Duprez.

Via-se que conhecia muitas pessoas entre os espectadores mais selectos.

Ao movimento do seu binoculo, julgava-se logo que a maior parte dos mancebos de nome distincto lhe não eram estranhos, e que poderia contar mais d'uma historia a seu respeito; passava com o binoculo de um para outro, sem escolher, não prestando determinada attenção a qualquer d'elles, indifferente, caprichosa, recebendo um sorriso, um pequeno gesto, um olhar vivo e rapido, em troca do favor que lhes concedia.

Do fundo dos camarotes e das cadeiras da orchestra, outros olhares, ardentes como vulcões, erguiam-se e vibravam sobre o seu rosto, mas a gentil senhora não os via, ou fingia que não queria vêl-os.

Emfim, se por acaso o seu binoculo se dirigia ás damas do verdadeiro mundo parisiense, transparecia de repente na sua attitude não sei que ar humilhado e resignado, que fazia pena. Pelo contrario voltava a cabeça com amargura, se por desgraça o seu olhar se trocava com alguma d'essas mulheres de reputação duvidosa, formosas peccadoras que usurpam as mais bellas cadeiras do theatro nas noites de grande festa.

O seu companheiro, porque d'esta vez estava acompanhada, era um bello rapaz meio-parisiense, conservando ainda algumas reliquias opulentas da casa paterna, que viera devorar, n'esta cidade de perdição.

O mancebo, na sua aurora, estava orgulhoso d'aquella belleza na sua plena eflorescencia, e parecia honrar-se muito em mostrar que lhe pertencia, cercando-a com esses mil desvelos e caricias, tão estimadas pelas mulheres, quando provém d'um amante querido, e tão desagradaveis e importunas quando se dirigem a uma alma occupada por outra cousa... ella escutava-o, sem o ouvir; olhava-o sem o ver. Que dizia elle? não o sabia; mas tentava responder-lhe, e as poucas palavras, que murmurava, fatigavam-n'a.

Assim, a seu pesar, não estavam sós n'esse camarote, cujo preço representava o pão d'uma familia para seis mezes. Entre elle e a gentil senhora collocara-se o companheiro assiduo das almas doentes, dos corações feridos, dos espiritos saciados, o tedio, esse immenso Mephistopheles das Margaridas errantes, das Clarisses perdidas, de todas essas divindades filhas do acaso, que vagam n'este mundo, como a nuvem da alvorada, e que se dissipam aos primeiros raios do sol no oriente da felicidade da vida.

Enfastiava-se, a formosa peccadora, cercada de todas as adorações e homenagens da mocidade radiante; e esse mesmo fastio devia de ser a sua desculpa e o seu perdão, porque era o castigo das suas ephemeras alegrias.

O tedio foi o grande mal da sua vida. A' força de vêr as suas affeições quebradas, á força de obedecer á necessidade d'essas ligações transitorias, e de passar d'um amor a outro amor, sem saber porque abafava tão depressa uma inclinação doce e maviosa, que apenas começava a florir na sua alma, tornou-se indifferente a todas as cousas, esquecendo o amor de hontem, e não pensando mais no amor de hoje, do que na paixão fortuita, que poderia amargural-a ámanhã.

Desgraçada! precisava da solidão, de fugir do assedio infinito de tantos desejos e de tantas affeições egoistas; queria o silencio para não ouvir sempre as mesmas palavras a retinir-lhe no ouvido cançado; desejava o socego, um momento, e era arrastada para as festas tumultuosas do mundo; anciava entranhavelmente o amor puro, casto, verdadeiro, e diziam-lhe que era formosa! Abandonavam-na ao turbilhão do fogo que a devorava! Que mocidade e que martyrio! E como se comprehende bem aquella palavra de *mademoiselle* de Lenclos, quando attingindo o zenith das suas fabulosas prosperidades, amiga do principe de Condé e de *madame* de Maintenon, dizia com um suspiro de profunda magua:

«—Se adivinhasse semelhante vida, tinha morrido de horror e de desesperação».

Acabou a opera; e a formosa dama deixou o seu camarote. A festa estava ainda em meio. Esperava-se por Bouffé, *mademoiselle* Dezajet, e pelos comediantes do Palais-Royal, sem contar o bailado em que a gentil Carlota devia dançar, leve e encantadora, nos seus primeiros dias de seducção e de poesia.

Não quiz assistir ao *vaudeville*; preferiu retirar-se para sua casa, quando tanta gente tinha ainda tres horas de prazer, ao som da melhor musica de Paris, e debaixo de tantos lustres inflammados.

Via sahir do seu camarote, e cobrir-se ella mesma com o seu manto vermelho forrado de arminhos.

O mancebo, que a acompanhava, parecia contrariado, e tanto que nem a ajudou a resguardar-se do frio. Que lhe importava que tivesse frio a pobre mulher, se já não precisava d'ella para adornar a sua pessoa, na ostentação frivola do seu egoismo?

Desceu a grande escada á direita, destacando-se o vestido branco debaixo do soberbo manto de purpura, e cahindo-lhe sobre o rosto o véo de renda finissima do chapéu de velludo preto. O véo interceptava a radiação dos seus olhos tentadores: mas que importava! A dama tinha representado o seu papel; acabara o seu dia; já não precisava de mostrar a sua belleza peregrina.

N'aquella noite devia deixar o mancebo á porta da rua.

Uma cousa digna de notar-se, e para seu louvor, é que essa formosa donzella, que desperdiçou nas horas da sua mocidade o ouro a mãos largas, porque reunia o capricho á beneficencia, e estimava pouco esse triste dinheiro que lhe custava tanto, não fosse, como effectivamente não foi, a heroina nefasta de fortunas arruinadas, de duelos, de dividas, de escandalos, que tantas outras mulheres, no seu logar, levantariam no relampago da sua vida fascinadora.

Pelo contrario, ninguem fallou d'ella senão para elogiar a sua belleza, os seus triumphos, o gosto no vestuario, e nas modas, que sabia inventar, e que obrigava a seguir, pelo extraordinario prestigio da sua elegancia, e da sua formosura.

Nunca se fallou, a seu respeito, de fortunas dissipadas, de prisões por dividas, e de traições crueis, que são ordinariamente a consequencia dos amores tenebrosos.

Havia decerto em volta de cabeça tão gentil e tão cedo cortada pela foice da morte uma doce athmospera de recato e de castidade ineffaveis.

Viveu á parte, mesmo no mundo singular que lhe offereceára o cruel destino; sobre uma região mais calma e mais serena; ainda que desgraçadamente resvalasse sobre o negro abysmo, onde tudo se perde para sempre.

Via, por uma terceira vez, na inauguração do caminho de ferro do Norte, n'essas festas magnificas que Bruxellas offereceu á França, convidando-a para sua visinha e para sua verdadeira commensal.

N'essa *gare*, immenso emporio de todos os caminhos de ferro do norte da Europa, a Belgica reunira todos os seus esplendores: os arbustos das suas serras, as flores dos seus jardins, os diamantes das suas corôas.

Uma multidão incrivel d'uniformes, de cordões, de brilhantes, e de vestidos de gaze, borborinhava, ruidosa e scintillante, na vasta arena d'aquelles novos jogos olympicos, d'essa festa esplendida que não se repetirá jámais.

(Continua.)

NOTICIARIO

Dia de gala. — E' considerado assim o de hoje, por ser o anniversario natalicio de suas altezas reaes o principe D. Carlos e sua esposa.

Notas da carteira.— Já regressou da praia de S. Jacintho a Louzada, em companhia de sua ex.ma familia, o nosso honrado amigo, sr. Basilo Matheus de Lima Junior, digno escrivão de fazenda d'aquelle concelho.

— Regressou já de Vianna, entrando logo em exercicio, o sr. governador civil d'este districto, conselheiro João Affonso d'Espergueira.

— Partiu hontem para a capital o nosso presado amigo e director politico d'esta folha, sr. Almeida Vilhena.

— Visitou na quinta-feira esta cidade o sr. D. José de Saldanha (Rio maior), illustre deputado pelo circulo d'Evora, e cavalheiro muito distincto.

Tem graça.—Não gostou o nosso presado collega do *Commercio de Portugal*, de que fizessemos sentir aqui a falta de nomeação do capitão do porto de Aveiro, como se a queixa não fosse muito legitima, e o pedido strictamente legal. Não percebemos o desgosto. Que o substituto d'aquelle funccionario goste de receber uma gratificação por serviço que não faz, e que os seus amigos intimos gostem de o presentear com ella, percebemos nós perfeitamente. Fazemos porém áquelle nosso collega a justiça de acreditar que não pertence a este grupo, aliás honroso.

Mas pergunta-nos elle ainda, com muita graça, quem é que nos assegura que esta interinidade não é pedida pelas proprias auctoridades e influencias locaes? Sim, tem razão, ninguem nos assegurou similhante cousa. Mas tambem o *Commercio de Portugal* nos não fez ainda o favor de nos dizer, que auctoridades e influencias são essas. Diga-o, e ficamos mudos e... vingados.

Ou antes, não diga nada, porque escusam os ingenuos, como nós, de ficar sabendo que n'este paiz as leis deixam de ser cumpridas a pedido das proprias auctoridades e dos influentes locaes. Graças a Deus, nem somos uma, nem outra cousa.

Providencias. — Costumam os touros, que são corridos nas praças do Porto e Villa Nova de Gaia, atravessar as povoações de dia, sendo frequente o verem-se passar em Aveiro, pela Fonte Nova e Senhor dos Afflictos, seguindo por Angeja, etc. Ora na quarta-feira vinha o gado com destino á Borda d'Agua. E para cá da ponte d'Angeja encontrou-se com uma manada de bois manssos, que vinham de uma feira, resultando do choque grande balburdia, porque os primeiros investiram com os outros no meio da estrada, correndo o risco de se trasmalharem.

Em Esgueira, nova barulheira, custando muito aos guardadores a conservar a ordem e a fazerem seguir os touros, que estavam desaustinados.

Finalmente estas occorrencias exigem que se adopte providencias, que garantam ás povoações o socego que lhes está roubando o passeio dos bichos em pleno dia pelas ruas publicas das nossas aldeias. Não nos parece tornar a succeder isto desde o momento que os emprezarios ou donos do gado bravo sejam intimados a haverem-se mais convenientemente, sempre que houver corridas de touros na segunda cidade do reino.

Conclusão. — Concluiu os seus trabalhos a segunda commissão inspectora dos mancebos destinados ao serviço militar, e que sob a presidencia do sr. major de cavallaria 10, se compunha dos facultativos militares os srs. drs. Vicente Ferreira dos Santos e Abilio d'Albuquerque. A todos cabe louvor pelo fiel cumprimento dos seus deveres.

Matriculas.—Tem-se procedido na secretaria do Lyceu d'esta cidade á matricula das differentes disciplinas, cujas aulas abrem no dia 1 de outubro proximo.

Romaria da Senhora da Saude. — Nota-se já na estrada da barra e na ria grande movimento de romeiros, que vão para a Costa-Nova assistir áquella popular romaria.

Desordem. — Ao cerrante da noite de ante-hontem houve na praça de Luiz Cypriano d'esta cidade uma desordem entre duas mulheres, moradoras na travessa dos Tavares, e, entrevindo um homem, foi fortemente esbofeteado por uma d'ellas; que levou tambem a sua conta. Houve alarme e toques d'apito, mas a policia... não appareceu.

Arrosaes.—Procede-se actualmente, n'este concelho, á colheita do arrôz, que dá muita funda e é de excellente qualidade.

Nos campos.—Em consequencia das ultimas chuvas, beneficas para os campos, os agricultores trataram-se a preparar os terrenos para os nabaes e para as hervas dos gados.

Hotel restaurante do Bussaco. — Tivemos ha pouco tempo occasião de vêrmos o excellente serviço d'este hotel, e por isso entendemos fazer um favor ao publico, aconselhando-o a que ao visitar aquelle ameno e pittoresco retiro prefira este estabelecimento, que está montado com muito aceio e muita ordem, e não é exagerado nos preços, attenta a sua posição.

Abertura d'aulas—No dia 1 do proximo mez de outubro abrir-se-ha, como de costume, a Universidade, com o juramento de todo o professorado. Nos dias 2, 3 e 4 proceder-se-ha á matricula geral. No dia 16 recitar-se-ha a oração de sapiencia, que este anno compete ao sr. dr. Damazio Jacintho Fragoso, lente decano de theologia. Em seguida é feita, com a costumada solemnidade, a distribuição dos premios aos alumnos distinctos no ultimo anno lectivo. No dia immediato começam as aulas em todas as faculdades.

CORREIO DE LISBOA

27 DE SETEMBRO DE 1889.

O successo dos ultimos dias é a morte do sr. infante D. Augusto. Sabia toda a gente que a vida de sua alteza não offerecia longa duração, mas ninguem suppunha que tão cedo se terminasse aquella existencia ainda robusta na aparencia. Finou-se pois mais um filho da grande rainha, da grande mulher, que soube ser forte como imperante, que soube ser exemplar como mãe de familias.

Poucos restam já d'essa proveniencia illustre! Que Deus prolongue a vida d'esses que restam.

O que se finou não teve na terra inimigos. Viveu isempto de odios; não os teve para ninguem; ninguem os teve para elle. Foi bom e caritativo até onde as suas forças o permittiam. Deixa nome querido e honrado. Diz-se tudo em honra do extincto, affirmando isso.

— Regressaram a Lisboa, da sua viagem ao estrangeiro, o sr. conde de Castro e seus ex.mos filhos. Caracter nobilissimo, o illustre titular era aqui esperado com anciedade, porque o seu conselho é sempre ouvido com veneração nas altas regiões, quando o partido progressista está no poder.

— Chegou, e foi hoje mesmo recebida pelo sr. presidente do conselho uma grande commissão de Lagos, pedindo a construcção d'um porto de abrigo e d'um caminho de ferro. O sr. José Luciano recebeu-a com a maior affabilidade promettendo empregar toda a sua boa vontade na realisação d'estes melhoramentos. Alem dos cavalheiros algarvios que residem em Lisboa acompanharam a commissão os srs. deputados Elyseu Serpa e Barbosa de Magalhães.

— No concurso para juiz de direito de Tete consta que foi classificado em primeiro logar, o delegado de Bardez o sr. José Maria de Sousa Andrade. e, este será provavelmente o nomeado.

— Propõe-se, como candidato regenerador, pelo circulo dos Olivaes, o sr. Ferreira do Amaral. O candidato progressista ainda não está definitivamente escolhido. Falla-se no sr. Zeferino Pedroso, pae do sr. Consiglieri, e no sr. Luiz Calheiros, pois parece que o sr. Mancellos não deseja ser reeleito.

— Ouvi dizer que o sr. conselheiro Correia Leal não desejava ser reeleito pela Feira; e que o candidato regenerador por Oliveira d'Azemeis era o sr. Arthur Pinto Basto.

— Não ha nenhum pretendente ao logar de capitão do porto d'essa cidade. Sabe-se aqui que a capitania não está bem confiada ao chefe da delegação; mas é a lei que o considera substituto do capitão do porto, e portanto o unico remedio para esse mal é achar algum official de marinha em boas condições que acceite essa commissão.

— Alguns intriguistas pretenderam transferir d'ahi o sr. tenente Almeida, chefe da secção da guarda fiscal, que é um dignissimo empregado, mas não lograram o seu intento ruim.

— Parte para ahi por estes dias o sr. Manuel Borges Grainha, dignissimo professor de latim d'esse lyceu nacional.

— Casou terça-feira em Setubal, o sr. conselheiro Peito de Carvalho, administrador geral das alfandegas, com a ex.ma sr.ª D. Anna de Vasconcellos. Os padrinhos foram os srs. marquez de Alvito e Antonio Victorino Ribeiro Junior. A' ceremonia assistiram apenas as pessoas mais intimas do sr. conselheiro.

— Foi nomeado ministro portuguez junto do rei Leopoldo da Belgica o sr. Henrique de Macedo. Ministro da marinha e das colonias ainda ha pouco, ninguem por isso mais competente para defender os nossos interesses coloniaes n'aquelle ponto da Europa, onde a questão do continente negro tanto se agita.

— Regressou a Lisboa o sr. dr. Antonio Candido Ribeiro da Costa, notavel orador politico.

— Diz-se que os prelados portuguezes vão dirigir as suas supplicas ao S. Pontifice para que Sua Santidade, tomando a peito as suas reclamações, interceda junto da corte portugueza para ser suspenso o imposto de 43500 réis lançado sobre os breves de dispensa matrimonial. Facilitar e não impedir por meio d'um imposto gravozo os casamentos perante a Igreja, importa á religião e á moral. Promover pelo gravame do imposto a que vão cair no *casamento civil*, mal é que convem evitar.

— Segundo diziam varios jornaes, desabou um tunel da linha d'Arganil, matando um homem e ferindo muitos outros. Houve erro de informação. Apenas se deu o seguinte sinistro proximo á ponte de Portella. O trabalhador Manuel João, dos Carvalhaes de Baixo, empregado na construcção do caminho de ferro, por infelicidade sua, ia com o hombro encostado a um wagon para o pôr em movimento, quando á entrada da galeria, não reparando n'uma escora que alli estava segurando a mesma, entalou a cabeça entre esta e aquelle, saltando-lhe logo fóra os miolos. O desgraçado tinha só trinta annos. Deixa dois filhos.

— Capturaram o commerciante Francisco José Vieira Machado, morador na rua do Arco da Graça n.º 23, por existir contra elle suspeitas de ser o auctor do fogo posto no seu estabelecimento de mercearia, sito na rua da Adiça, n.º 65, pelas 2 horas da noite de 15 do corrente. O cabo Jacob averiguou que o accusado, em 20 de fevereiro do corrente anno, estando então estabelecido na rua de S. Miguel, n.º 76, tambem foi o auctor d'um fogo que alli houve.

— O *Diario* de hontem insere uma portaria, determinando que o director da fiscalisação dos caminhos de ferro de leste e norte intime á companhia real dos caminhos de ferro portuguezes as seguintes providencias que tem a adoptar, relativamente á ponte do Cogominho, e a outros pontos das suas linhas:

1.º Que na ponte do Cogominho se estabeleça um serviço de estação, havendo um posto telegraphico e os competentes signaes regulamentares: que alli permaneça um agente com auctoridade para superintender sobre todos os serviços, emquanto durar a reparação da mesma ponte;

2.º Que tenha o necessario pessoal, e a maior cautella na sua escolha;

3.º Que, desde já, e independente de quaesquer providencias, que de futuro hajam de tomar-se, estabeleça nas suas linhas um systema de signaes, diuraos e nocturnos, que nas proximidades das bifurcações indique precisamente a linha que o comboio tem a seguir.

Outrosim se determina que o referido director faça proceder desde já a um minucioso exame technico de todas as pontes mettallicas das antigas linhas de leste e norte.

Que, de accordo com o director da fiscalisação dos caminhos de ferro de oeste, faça examinar e descrever o material existente, tendo em vista as encommendas feitas para se vêr se está em relação com as exigencias do serviço das linhas em exploração.

— Até hoje, tem entrado no ministerio da guerra 90 requerimentos para matricula no primeiro anno do curso de infanteria e cavallaria n'aquelle estabelecimento militar. Note-se que só 24 é que, por lei, podem ser deferidos.

— Consta-nos que a companhia real dos caminhos de ferro vae mandar assentar a segunda via, desde Aveiro até Gaia. Y.

A' ultima hora.—El-Rei ainda não sabe da morte de seu augusto irmão. Empregam-se no paço todos os meios para evitar que sua magestade tenha por emquanto conhecimento da triste noticia. Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LOTERIAS
NACIONAES E ESTRANGEIRAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

COM CASAS DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64
PORTO—Feira de S. Bento, 33 a 35

Faz publico que satisfaz todos os pedidos de loterias na volta do correio, garantindo não haver extravios no correio, sendo todas as suas remessas feitas em cartas certificadas.

Acceita agentes em todos os pontos do paiz, dando boas referencias. E' um importante auxiliar este negocio para os commerciantes das provincias.

Abaixo publica os dias das extracções das loterias nos mezes de agosto, setembro e outubro; assim como premios e preços dos bilhetes, quintos, decimos e oitavos.

LOTERIAS PORTUGUEZAS
Em outubro, nos dias 4, 14 e 24.
Em todas as loterias o premio maior é de
9:000$000
Bilhetes, a 5$300; quintos a 1$060; oitavos a 660; cautelas de 260; 130, 45 e 30 rs.
Listas enviadas no proprio dia do sorteio.

LOTERIAS DE MADRID
NO MEZ DE SETEMBRO
Em 30, dois premios de
14:400$000
Bilhetes a 6$500, decimos a 650 reis; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.
NO MEZ DE OUTUBRO
Em 10, com o premio maior do
90:000$000
Bilhetes a 53$000, decimos a 5$300; cautelas de 3$000, 2$400, 1$200, 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 24$000, 12$000, 6$000, 4$800. 2$400, 1$200 e 600 reis.
Em 19, com o premio de
25.200$000
Bilhetes a 11$000, decimos a 1$100; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.
Em 29, com dois premios de
14:400$000
Bilhetes a 6$500, decimos a 650; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

As listas de todos os sorteios das loterias de Madrid são enviadas directamente de Madrid, no mesmo dia do sorteio; de maneira que chegam a todas as terras do paiz no segundo dia depois de realisado o sorteio.

Para os particulares recebem-se em pagamento dos seus pedidos notas do Banco, letras, ordens, valles do correio, sellos ou outros valores de prompta realisação.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA
Lisboa

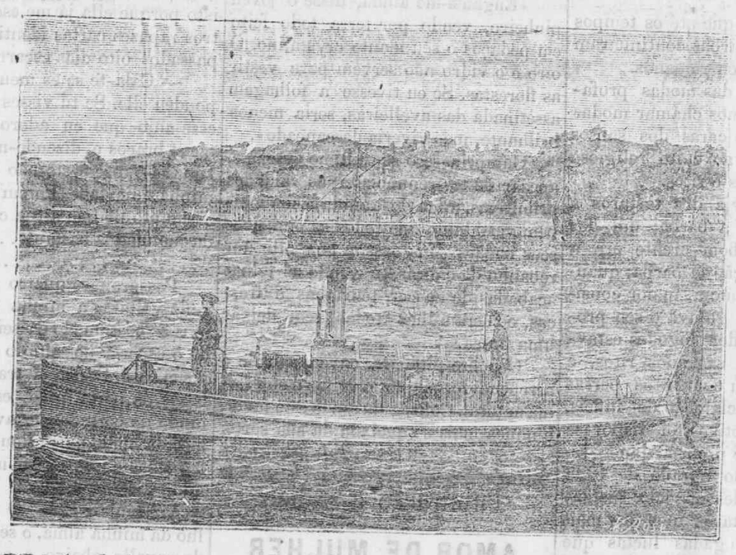
CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e da estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de *Vasco da Gama, 19 e 21, ao Atterro*, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

BOOTH STEAM SHIP COMPANY
EM COMBINAÇÃO COM
RED CROSS LINE MAIL STEAMERS
AS MAIS ANTIGAS LINHAS DE PAQUETES A VAPOR PARA OS PORTOS DO NORTE E BRAZIL
Do PORTO para o PARÁ e CEARÁ
DIRECTAMENTE
recebendo tambem carga e passageiros para **MANAOS**
CARREIRA MENSAL DE PAQUETES A VAPOR
GRANDE RAPIDEZ E ECONOMIA

Para carga e passageiros para os quaes tem magnificas accommodações, ou quaesquer informações trata-se com
os Agentes
A. J. Shore & C.ª
57 — Rua dos Inglezes — PORTO

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*, 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Snei, 13.

VENDA DE CASAS

VENDE-SE a casa da rua da Palmeira, que faz esquina com a rua de S. Gonçalinho. E' de dois andares, um dos quaes ao rez do chão. Não paga fôro de especie alguma. Trata-se com Luiz Barbosa, seu proprietario e n'ella morador.

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 500 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca. Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, S. PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma
Adh. DETHAN, Pharm.en PARIS.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES
MACHINAS DE COSER
DA
COMPANHIA FABRIL SINGER
NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA
O PRIMEIRO PREMIO
MEDALHA D'OURO

E esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS
COMPANHIA FABRIL «SINGER»
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO
E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS
DO
DISTRICTO DE AVEIRO

ESTRADA DISTRICTAL N.º 62 DE BANDEIRA A ESTRADA REAL N.º 45
(Antiga E. D. n.º 27 — A, d'Ovar a Angeja)
LANÇO D'ESTARREJA A' PRESA
ARREMATAÇÃO

Faz-se publico, que no dia 12 de outubro do corrente anno, pelas 11 horas da manhã, na administração do concelho d'Estarreja, e perante o respectivo administrador, serão recebidas propostas em carta fechada, para a construcção da parte comprehendida entre o perfil 144, e o fim do referido lanço, na extensão de 1:663m,34, que consta das seguintes obras:

Terraplenagens, pavimento, obras accessorias e obras d'arte

Base de licitação..... 2:760$000 réis
Deposito provisorio... 69$000 »

Para ser admittido a licitar, cada concorrente deverá apresentar em carta fechada, os seguintes documentos:

1.º—Documento pelo qual mostre, que effectuou na Caixa Geral de Depositos, ou suas delegações, o deposito provisorio, designado n'este annuncio; sendo as guias para o mesmo deposito, passadas na secretaria da direcção até ao dia 11 de outubro.

2.º—Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento, sobre o valor da adjudicação.

3.º—Documento de competencia, para a execução do trabalho.

4.º—Proposta de preço, fechada em sobrescripto separado, formulada, segundo o modelo exarado nas condições da arrematação.

Os desenhos, medição e condições especiaes da arrematação, estão patentes, na secretaria da Direcção, em Aveiro, todos os dias, não santificados, desde as 9 horas da manhã, ás 3 da tarde.

Aveiro 21 de setembro de 1889.

José da Maia Romão.

Chefe interino da 3.ª secção.

PILULAS DE BLANCARD
IODURETO de FERRO INALTERAVEL
NOVA-YORK — PARIS
Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez. Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.
1853 — 1855

Estas pilulas, em que acham-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças taes variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*palidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento inficl, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata resc... tiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto.
Pharmac.en em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

ARIOSTO
ORLANDO FURIOSO
Edição de grande luxo

Celebre romance cavalleiresco, vertido em linguagem portugueza por Xavier da Cunha, e illustrado com as monumentaes composições de Gustavo Doré.

Um unico volume contendo quinhentas e vinte e cinco gravuras intercaladas no texto e oitenta e uma em folha separada.

Distribuição quinzenal aos fasciculos pelo preço de 200 réis cada um.

Pedidos de assignatura: Administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, 40, Rua da Atalaya 52, Lisboa. — No Porto, á sua Filial, Praça de D. Pedro, 127. 1.º andar.

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO
Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1890:
Preço, cartonado..... 320
» brochado..... 240
Almanach das Senhoras para 1890:
Preço, brochado..... 240

GRAMMATICA INGLEZA
POR
JACOB BENSABAT
Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por Decreto de 27 de jhluo de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicado até hoje, incluindo os regulamentos para a serviço dos expostos e abandonados, e a arrecadação dos impostos directos e indirectos municipaes e parochiaes, e a tabella dos emolumentos do Supremo Tribunal Administrativo e seguido de um reportorio alphabetico.

Quinta edição. Preço, brochado, 300; encadernado, 460 reis. Pelo correio francs de porte a quem enviar a sua importancio em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO